



IBÉCC
SUB
COMISSÃO CATARINENSE DE
FOLCLORE
BOLETIM
TRIMESTRAL

FLORIANÓPOLIS
S C

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

REDAÇÃO DO BOLETIM:

OSWALDO R. CABRAL — Diretor

Rua Esteves Júnior, 138



**CAPA: Desenho de Péricles Silva. Tricromia da Livraria do
Globo de Porto Alegre**

**Impressão da IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE
SANTA CATARINA**

Clicherie de Doralécio Soares



Distribuição gratuita

BOLETIM TRIMESTRAL 12.06.96

DA

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

I. B. E. C. C.

N. 5	Florianópolis, Setembro de 1950	ANO II
------	---------------------------------	--------

EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

NESTE NÚMERO:

	Pág.
EDITORIAL	3
O NEGRO NA MÚSICA BRASILEIRA	Renato Almeida 4
BRASIL FOLCLÓRICO	Mariza Lira 6
NOTICIÁRIO	8
TRABALHOS ORIGINAIS	
Acheugas e Piranduba Catarinense	Lucas A. Boiteux 21
Os Santos nas lendas marítimas catarinenses	Oswaldo N. Cabral 29
A Bernúncia	
A sua origem —	Alvaro Tolentino de Sousa 34
Acérrca da Bernúncia	Oswaldo F. de Mello (filho) 38
A Bernúncia	Orlando Ferreira de Melo 41
Eenzeduras usadas em Tubarão	Neusa Nunes 43
Crendices e Superstições	Silveira Júnior 48
Boi de Mamão	Maria de Lourdes Henriques 51
Folclore e Escola	Pe. Alvino B. Braun 52
Térmos e expressões regionais	Euclides José Felipe 60
Alguns comentários no vocabulário catarinense	Herminio Mills 63
Comentários ao Boletim Trimestral	Francisco Carneiro da Costa 66
ENQUERITOS	
Pelos Municípios Catarinenses	Adagiário — D. E. E. 74
ASPECTOS ANTIGOS DO FOLCLORE DE SANTA CATARINA	
Casamento de viuvo	Padre Jácomo Vicenzi 77
Uma toada tradicional	Gal. Liberato Bitencourt 78
FOLCLORE NACIONAL	
Folclore gaúcho	80
Folclore baiano	81
Folclore capixaba	82
FOLCLORE DOUTRAS TERRAS	
Folclore açoriano	84
Folclore argentino	85
Folclore dominicano	87
RELAÇÃO DOS MEMBROS DA SUB-COMISSÃO	89
RELAÇÃO DOS CORRESPONDENTES	89

É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

* * **COMPLETA** hoje, com o presente número, o nosso **BOLETIM TRIMESTRAL** o seu primeiro ano de vida.

Tendo começado modestamente, **multitado** no Departamento Estadual de Estatística, desde o número 3 que tomou outra feição, passando a ser impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado, sem qualquer onus para a Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

Do interesse que despertou a nossa publicação dizem não só as referências que lhe tem sido feitas pela imprensa de Santa Catarina e do país mas também as solicitações contínuas que tem sido feitas à Sub-Comissão de exemplares dos números anteriores e dos que vierem a ser editados.

Do entusiasmo verificado em nosso meio cultural fala a abundância de colaboração que lhe tem sido enviada.

Assim, a pouco e pouco vai a Sub-Comissão melhorando a feição do seu órgão oficial e está certa de que, neste segundo ano de existência, senão lhe faltar o apóio governamental e a boa vontade que até agora carinhosamente lhe tem sido dispensados, maiores progressos serão verificados.

Iniciamos agora a publicação de novas seções, destinadas a tornar mais interessante o nosso **BOLETIM**. Além dos artigos originais dos cultores do nosso folclore, publicaremos daqui por diante uma seção destinada à reedição dos antigos Autores catarinenses que, intencionalmente ou não, contribuíram para o nosso folclore.

Também resolvemos publicar estudos folclóricos de Autores de outros Estados, afim de que os nossos leitores possam admirar os trabalhos que surgem além das nossas fronteiras e compará-los com o que assistem a quem das mesmas. Finalmente, uma seção de folclore estrangeiro possibilitará a publicação de assuntos interessantes do populário de outros povos.

O nosso noticiário também será grandemente ampliado, tendo a Sub-Comissão recebido com grande satisfação a valiosa oferta que lhe fez a Secretaria da Educação do Estado, de uma assinatura anual de recortes folclóricos da Agência LUX.

Cumprе, nesta oportunidade, apresentar os nossos melhores agradecimentos a quantos tem prestigiado, com o seu trabalho ou com a sua simpatia, com o seu auxílio e com a sua colaboração, a direção deste **BOLETIM**.

Não fôra isto e não poderia êle, como está fazendo, levar para fora das nossas fronteiras uma demonstração do vigor do nosso meio intelectual, contribuindo para o engrandecimento do nome do nosso Estado.

E, dito, isto, continuemos o nosso labor.

O negro na música brasileira

— NOTA DE ESTUDO —

Renato Almeida

Causa sempre estranheza que os estudiosos do folclôre musical brasileiro atribuam à contribuição negra uma percentagem inferior à estimativa da opinião geral. Muito do que é tido como afro-brasileiro, quando se vai ver, é de origem lusitana, a exemplo da síncopa, consoante as opiniões autorizadas de Luciano Gallet e Mário de Andrade.

Para mim, que também me surpreendi com o fato, quando me consagrei ao estudo da nossa folemúsica, penso que a razão está na forma pela qual os negros aculturaram os fenômenos, dando-lhes um traço tão marcante, como se eles se apropriassem. E, como a influência africana começou dentro do próprio Portugal, a adaptação muito se facilitou no Brasil. A maneira dos pretos empregarem o seu ritmo na música que os portugueses haviam trazido para cá foi surpreendente, imprimindo-lhe um vigor e uma vivacidade tão características, que acabaram por fazer dela coisa sua. Conheço cantigas de Congos, sobre motivos de Marujada, que é essencialmente lusitana, tão impregnadas de caráter africano, que se podem incluir indistintamente na sua expressão musical.

Esse foi o sortilégio do negro no Brasil. Marcou todos os elementos que aculturou com formas próprias, talvez por uma capacidade superior de adaptação à das duas outras raças formadoras da nacionalidade. Sem possuir a força criadora do branco, sabia porém dar

o seu gajete a tudo quanto lhe emprestava e de que necessitava para a sua vida de relação. No sinceretismo religioso se pode então verificar o problema com maior atenção.

Na imensa mestiçagem brasileira, a contribuição negra teve sempre uma importância excepcional, aproveitando do branco ou do índio, tudo quanto lhe pudesse satisfazer. Talvez por ser culturalmente inferior ao branco e estar pela escravidão em pior posição do que o índio, não pretendesse o africano impôr, de uma forma direta, o que era seu. Aceitou quanto encontrou na terra, mas, para utilizar todos êsses elementos díspares e numerosos, teve de adaptá-los e o fez com tanta força e caráter, que legitimamente os tornou de sua propriedade.

Longe de mim entrar no mérito do problema, para discutir se se trata ou não de um índice de superioridade, pois tudo que pretendo é verificar um fato do comportamento negro no nosso meio social. Se na música brasileira, onde mais de perto observei o caso, muitos dos elementos havidos como afro-brasileiros são originariamente lusitanos não se pode contudo negar que a feição negra é que os caracterizou e — quem sabe? — os fez sobreviver. Porque êles vivem misturados e, para essa fusão, os processos negros foram muitas vezes excelentes caldos de cultura. Claro que, entre nós, nada é separadamente português, negro ou índio ou de qualquer outra procedência. A nossa folc-música é essencialmente brasileira, quero dizer, foram sobrevivências lusitanas folclorizadas pela nossa gente, em cujo meio o traço negro foi sempre marcante.

Os africanos revelaram enorme capacidade para adaptar-se, mas sem o abandono do que lhes era próprio. Talvez fôsse por isso mesmo que sentiam facilidade nessa aclimatação, já que não importava em desprezar suas crenças, usos e tradições. Era porventura um meio de guardá-los com maior fidelidade, ou talvez de violentar menos a sua integridade.

As razões não devem ser procuradas apenas nos planos sociais, mas igualmente nos étnicos. O processo de aculturação se fazia com o da mestiçagem, resultando daí que eram em camadas sucessivas de gentes misturadas que se iam informar os fenômenos, com predomínio de tais ou quais fatores. O estudo para determinar as sobrevivências africanas e os graus de miscigenação e de aculturação — que Artur Ramos indicou como necessário fazer, sobre a situação atual do negro no Brasil — virá esclarecer de perto a exatidão dos termos em que deve ser proposto o problema da importância que tiveram, no Brasil, as achegas da cultura negra.

E a sua solução nos dará um quadro geral dentro no qual se orientarão os exegetas da nossa música, para fixação dos seus elementos constitutivos e consuetudinários.

A SUB-COMISSÃO solicita dos Srs. Correspondentes:

A COLHEITA E REMESSA de termos regionais e vocábulos comum nas zonas em que residem, com a sua significação. Este Boletim já publicou, e podem servir de modelo, um trabalho de Euclides José Felipe (nº 3), outro do Pe. Alvino Bertoldo Braun (nº 3) e outro do nosso Diretor (nº 4).

(Sugestão do Prof. Custódio Campos aprovada em sessão de 1º de abril do corrente ano).

Brasil folclórico

Mariza Lira

Apresentação do programa Brasil Folclórico, organizado por Mariza Lira, da Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura, órgão nacional da UNESCO, irradiado todas às sextas-feiras das 20 às 20 1/2 horas, na Rádio Roquette Pinto. (PRD 5 — 1400 K).

Brasil folclórico... Brasil popular... Brasil tradicional... Brasil quase sempre esquecido, e mais do que isso, quase ignorado.

Apesar de tudo é este o Brasil imperecível, que resiste a todas as asperezas do tempo e se perpetua através das canções, das lendas e tôdas as tradições do povo.

Por que o Brasil Folclórico ficou assim tão desprezado?

Por que êsse esquecimento intencional por tudo que vem de nossas raízes populares?

A razão não é obscura.

O que levou o Brasil folclórico a êsse deplorável abandono, foi o falso preconceito de que as coisas do povo não mereciam a atenção dos artistas, dos estudiosos, enfim de todas as pessoas cultas.

E o Brasil legítimo, cem por cento brasileiro, ficou esquecido.

Foi necessário que repercutissem entre nós as forças democráticas de uma nova ordem para que passássemos a olhar com a devida atenção, às criações do gênio anônimo da coletividade.

Desde então, as nossas tradições principiaram a inspirar nossos artistas e a fornecer materiais preciosos para os nossos eruditos.

Firmara-se no mundo civilizado uma nova ciência — o Folclore.

Por aí já se pode perceber a amplitude sedutora desses estudos sobre o mundo popular.

Se voltamos as nossas vistas para os aspectos da vida popular brasileira, um novo mundo surgirá diante de nossos olhos, tal a grandeza e a variedade do turbilhão do nosso tradicionalismo.

O que impressiona a quem contempla o populário brasileiro, é a multiplicidade de regiões típicas espalhadas no território nacional.

No extremo norte, na planície amazônica, as tradições nada se parecem com as manifestações populares da planície do extremo sul, onde no pampa brasileiro o gaúcho criou uma civilização diversa da vida rústica do tapino amazônico.

Se percorrermos o nosso imenso litoral de norte a sul, verificaremos que os jangadeiros do norte nada se assemelham aos caícaras das costas sulinas.

Se avançarmos nossos sertões encontraremos no norte a predominância dos engenhos de açúcar, com as suas usanças tradicionais, que vêm dos velhos tempos da colônia — e no sul divizaremos as fazendas de café, que representam a vida mais típica, que a nossa civilização recebeu dos aristocráticos tempos imperiais.

Mas, se a nossa viagem for mais longa e si penetrarmos em nosso oeste distante, a vida sertaneja com toda a sua rusticidade original, surgirá diante de nós como se fosse uma recapitulação de um passado remoto.

Aí, então, entraremos em contato com os intrépidos vaqueiros que sugeriram a Euclides da Cunha páginas imortais.

Esparsamente, perdidos nos recessos dos rios diamantíferos, avistaremos na sua labuta ingente os garimpeiros a colher gemas preciosas e cubicadas.

E há ainda os trabalhadores das florestas e das matas derrubando a madeira e colhendo as riquezas vegetais de cada região.

Cada um desses grupos possui características próprias, usos e costumes regionais, tradições diferenciadas e hábitos diversos.

Tudo isso é o Brasil Folclórico, com seus cantares, suas folganças, suas técnicas de vida, suas superstições, enfim, com todas as peculiaridades que dão à nossa pátria uma fisionomia original em face de todos os outros povos.

É justo, pois, que evoquemos aqui neste programa, esses aspectos folclóricos da vida brasileira.

É nossa intenção levar a todos os radiouvintes, evocações desse Brasil variado, tão pouco conhecido das gentes da cidade, mas, profundamente expressivo como elemento fundamental da nossa nacionalidade.

Rio — 17/3/50.

“... Folclore não é simples estudo recreativo. É método de conhecer a sua visita com agrado e a sua contribuição com desvanecimento psicológico de análise do inconsciente das massas”.

ARTUR RAMOS
(Folclore Negro no Brasil)

NOTICIÁRIO

ATIVIDADES DA SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Desde a sua instalação realizada em 14 de outubro de 1948, a sub-Comissão Catarinense de Folclore realizou dez reuniões, sete em 1949 e três no corrente ano. Realizou ainda uma demonstração folclórica em 18 de outubro de 1949, por ocasião da visita do Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore, Sr. Renato Almeida a Santa Catarina. Esta demonstração foi levada a efeito no Lira Tennis Clube, desta Capital, e as sessões comuns na Biblioteca Bulhões de Carvalho, do Departamento Estadual de Estatística. A sessão de instalação foi realizada no Salão Nobre da Faculdade de Direito de Santa Catarina.

A Sub-Comissão recebeu a visita dos eminentes patriotas srs. Renato de Almeida, Secretário da Comissão Nacional de Folclore e a do Professor Nobrega da Cunha, do IBECC.

Foram realizados quatro inqueritos organizados pelo Departamento Estadual

de Estatística em colaboração com a Sub-Comissão e distribuídos pela Inspeção Regional de Estatística Municipal.

O BOLETIM TRIMESTRAL, órgão da Sub-Comissão, apareceu em setembro de 1949, tendo sido do seu primeiro número tirados 250 exemplares, em Multilith do D. E. E., e distribuídos aos membros, aos correspondentes e instituições diversas do país e do estrangeiro.

O n. 2 apareceu em dezembro do mesmo ano, ainda multilithado, tendo sido feita uma edição de 350 exemplares. O n. 3 apareceu em março do corrente ano, já impresso na Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, numa edição de 500 exemplares. O n. 4 apareceu em junho, impresso teve uma edição de mil exemplares. Além dos exemplares distribuídos aos Membros da Sub-Comissão aos correspondentes, a instituições do país e do estrangeiro, foram atendidas as solicitações de grande número de estudiosos. Ao SESC foram entregues 350 exemplares e ao Departamento de Educação do Estado 120 para distribuição às

bibliotecas dos Grupos Escolares do Estado.

Foram feitas duas gravações em fio, a título experimental.

Aguardamos a adesão de todos os folcloristas, dos colégios públicos e particulares de todo o Brasil para um completo levantamento folclórico.

Os textos como as adesões devem ser enviados ao Programa Brasil Folclórico, Rádio Roquette Pinto, Rua Almirante Barroso, 81, 12º andar, até o dia 30 de julho próximo.

CONCURSO DE CONTOS POPULARES

Organizado por Mariza Lira, da Comissão Nacional de Folclore do IBECC.

FOLCLORE E EDUCAÇÃO

NO PROGRAMA BRASIL FOLCLÓRICO ÀS SEXTAS-FEIRAS ÀS 20 HORAS NA RÁDIO ROQUETTE PINTO — RIO DE JANEIRO.

Recomendações da Comissão Nacional de Folclore do Ibecc à próxima Assembléa Geral da Unesco

Apresentamos hoje o 1º concurso sobre contos populares.

Frizamos que só poderão concorrer a este concurso contos e "histórias" tipicamente folclóricas.

Isto é "histórias" de fadas, de bichos, de assombrações, de aventuras, conservadas pela tradição e de feição popular.

Ao vencedor será concedido um prêmio de Cr\$ 200,00 que será entregue durante a irradiação do programa ou enviado em vale postal se fora do Rio, ao dono do melhor trabalho apresentado.

Na apresentação dos textos o candidato deverá conservar o máximo da linguagem regional e manter o sabor dos recantos do povo.

É exigida a maior fidelidade à tradição oral.

Deverá também trazer a indicação de quem o ouviu contar, do lugar donde proveio e a época aproximada em que foi colhida.

São detalhes indispensáveis.

O texto classificado em 1º lugar, além do prêmio em dinheiro, assim como o 2º e o 3º lugares serão irradiaados durante o programa e doados aos arquivos da Comissão Nacional de Folclore, que os fará publicar entre seus documentos.

A Comissão julgadora será composta pelo dr. Renato Almeida, Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore, dr. Mário Pena da Rocha, Diretor do Ensino, Técnico Profissional da Prefeitura do Rio e do Professor Joaquim Ribeiro, membro da Comissão Nacional de Folclore.

A Diretoria do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, na sua última reunião, aprovou unanimemente as seguintes sugestões da sua Comissão Nacional de Folclore, no sentido de recomendar à Delegação brasileira à próxima Assembléa Geral da Unesco, que se reunirá em maio vindouro, em Florença, que proponha as seguintes sugestões, relativamente ao aproveitamento do folclore no plano educacional:

I) — reconhecer a importância do folclore na educação, quer como elemento didático, quer nos programas da recreação, com o duplo intuito de estimular as manifestações essenciais do espírito nacional, que encerram as artes tradicionais do povo, e de evitar o seu desaparecimento, já que constituem um dos patrimônios culturais da humanidade;

II) — recomendar aos Estados membros da Unesco a organização de institutos nacionais de folclore, encarregados de encorajar os estudos e pesquisas das artes populares e de vitar a sua regressão, criando museus escolares, nos estabelecimentos de ensino, bem assim centros de documentação e permuta de trabalhos, discos, filmes, fotos, etc.

A indicação é precedida de uma justificativa, mostrando o interesse que a Comissão Nacional de Folclore tem tido no sentido de se fazer a utilização do folclore no plano educacional e as diversas manifestações da Unesco tendentes ao mesmo fim.

FALECIMENTO

Professor Trajano Sousa

A Sub-Comissão tem o pesar de participar aos seus membros o falecimento do Prof. Trajano Sousa, seu correspondente em Lajes.

O Professor Trajano Sousa foi um cultor do vernáculo, um estudioso, um cidadão prestante e bom.

Faleceu em Curitiba, para onde havia transferido a sua residência.

A Assembléa Legislativa prestou significativa homenagem à memória do extinto e a Sub-Comissão lançou na ata dos seus trabalhos da sessão de 23 de junho um voto de pesar pelo desaparecimento do antigo professor do Instituto de Educação de Lajes.

AGRADECIMENTOS AO GOVERNO DE STA. CATARINA

O Sr. Oswaldo R. Cabral, Secretário Geral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore recebeu o ofício que abaixo transcrevemos:

“Senhor Secretário Geral,

Peço a vossa excelência o obséquio de, na qualidade de representante nesse Estado da Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, procurar o senhor Governador do Estado e comunicar-lhe que esta Comissão, em sua reunião de ontem, aprovou um voto de agradecimento a sua excelência pelo valioso auxílio que tem prestado ao Boletim Trimestral, órgão dessa entidade e que bem diz, não apenas dos trabalhos por ela realizados, mas ainda da cultura do Estado de San-

ta Catarina. A Comissão tem no mais alto apreço esse Boletim e o inclui entre as suas realizações mais eficazes no movimento nacional de renovação dos estudos do folclore brasileiro, e com grande alegria verifica o apóio que lhe dá o Governo desse Estado, numa justa compreensão das atividades intelectuais catarinenses.

Aproveito o ensejo para renovar-lhe os protestos da minha perfeita estima e distinta consideração.

(Ass.) Renato Almeida, secretário geral”.

Dando cumprimento à honrosa incumbência, estive em Palácio o deputado Oswaldo Cabral que, recebido pelo Sr. Aderbal Ramos da Silva, a S. Excia. transmitiu a mensagem acima. No dia seguinte à publicação no Diário Oficial do ofício que transcrevemos, o deputado Nunes Varela, da tribuna da Assembléa, fez referências ao mesmo, tendo na oportunidade palavras elogiosas à ação do Secretário Geral da Sub-Comissão Catarinense frente aos trabalhos realizados em Santa Catarina. O deputado Oswaldo R. Cabral, agradecendo às mesmas, referiu-se ao apóio que vem encontrando da parte dos poderes públicos a sua ação e a de seus companheiros, ressaltando além dos que lhes tem sido dispensados pelo Sr. Governador do Estado, os dos Srs. Secretário da Educação, Diretores da Imprensa Oficial, dos Departamentos de Geografia, Estatística e Educação, da Inspeção Regional de Estatística Municipal e do Prefeito Municipal que foi o primeiro a dotar a Sub-Comissão de uma verba para que pudesse atender às necessidades do seu expediente.

O QUE DIZEM DE NÓS

NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS

Já por mais de uma vez nos referimos nesta coluna ao desenvolvimento que vêm tendo os estudos de folclore no Brasil. De norte a sul surgem obras novas recolhendo o que ainda existe por este vasto hinterland brasileiro. Do Rio Grande do Norte, — Câmara Cascudo e Verissimo de Melo, com diversos trabalhos de valor, de Alagoas, — Théo Brandão com

“Folclore de Alagoas”; de Minas Gerais, Fausto Teixeira com “Estudos de Folclore”, em São Paulo, trabalha-se a valer e a “Revista do Arquivo” publica seguidamente ótimos ensaios. Em Santa Catarina vão os estudos folclóricos de vento em pópa com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, dirigida por Oswaldo R. Cabral.

E, por falar nessa brilhante Sub-Comissão, cumpre registrar o aparecimento

de mais dois fascículos de seu excelente.

77 — BOLETIM TRIMESTRAL, referentes a dezembro de 1949 (N. 2) e março de 1950 (N. 3). Contêm, ambos valiosa matéria. Do primeiro constam os seguintes trabalhos: A pesca com o boto, de João dos Santos Areão; Sobre folclore Joinvillense, de Plácido Gomes; As verrugas no folclore catarinense, de Walter F. Piazza; Vocabulário regional catarinense, de Demóstenes Veiga; A respeito dos corações e do "pão por Deus", de Osvaldo R. Cabral, e mais noticiários variados e resumo das atas. — O n. 3, consta o seguinte material: Inquérito sobre benzeduras; Crenças e superstições por Plácido Gomes; Coisas do Planalto, por Aloísio B. Braun, S. J.; Termos regionais, por Euclides José Felipe e Custódio F. de Campos; O pião, por João dos Santos Areão, e mais noticiário, correspondência, etc.

Modestamente começou este Boletim. Os ns. 1 e 2 forma editados pelos D. E. E., impressos em Multilith. O n. 3 já se apresenta em impressão tipográfica da Imprensa Oficial do Estado.

Compreendendo o grande alcance dos estudos folclóricos, o governo catarinense, cooperando pela inteligência e cultura dos srs. Diretor do D. E. E. e da Imprensa Oficial, autorizaram essa publicação que honra sobremodo o Estado, seu governo e seus dignos filhos que, com tanto carinho, se consagram ao duro mister de salvar do olvido o pouco que ainda resta das tradições do povo catarinense. Nunca será demais o aplauso a esse pupilo de heróis do folclore barriga-verde.

Walter Spalling

("Jornal do Dia" — Porto Alegre 30-4-1950).

O FOLCLORE EM SANTA CATARINA

Acaba de sair, sob a lúcida direção de Osvaldo R. Cabral, o quarto número do Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, que se edita em Florianópolis. Revista excelente, cheia de material informativo, ensaios e comentários sobre o folclore, apresenta colaborações de Othon D'Eça, Walter F. Piazza, Walter Spalling, Euclides José Felipe,

Lucas Boiteux, Plácido Gomes, Osvaldo Cabral, Ildefonso Juvenal, Zedar P. da Silva, Flórisval Seraine e outros. Deve-se a redação do Boletim a Osvaldo R. Cabral.

Entre as informações que divulga essa revista, destaca-se uma carta do prof. Francisco Carreiro da Costa, membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada, São Miguel, do arquipélago açoreano, e dirigida ao sr. Walter Piazza: Nessa carta são objeto de considerações as relações que ligam o folclore açórico ao catarinense, determinado pela corrente imigratória que, vindos dos Açores, se fixou em Santa Catarina.

("Albor", Laguna — 29/7/1950.

DAS NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS, escritas por Walter Spalling para o "Jornal do Dia", de Porto Alegre, transcrevemos o seguinte (edição de 16 de julho de 1950):

Veio de Portugal e entre nós se radicou o culto à nossa Senhora do Rosário. E, — cousa curiosa! — foi, no geral, o negro o grande incentivador desse culto no Brasil.

Onde exista uma igreja consagrada a Nossa Senhora do Rosário não há que duvidar, — foram os negros os lançadores da idéia, os fundadores da Irmandade e os construtores do templo. São raras as exceções.

Em Porto Alegre, em Florianópolis, em São Paulo, no Rio, na Bahia, em Pernambuco, e muitas outras capitais e cidades brasileiras foi assim. E raro é o templo e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que conte menos de 150 anos.

A de Florianópolis, por exemplo, comemorou este ano seu segundo centenário. Di-lo o dr. Osvaldo R. Cabral em sua monografia.

92. — NOTÍCIA HISTÓRICA DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SÃO BENEDITO.

É preciosa essa monografia do insigne deu trabalho semelhante com referência historiador de Santa Catarina, que já nos à Ordem Terceira de São Francisco.

Temos, nessas duas valiosas monografias, por assim dizer a história religiosa catarinense sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário é uma delícia! Não

Pelo assunto apenas, mas também, e muito, pelo modo como o expõe o erudito historiador, verdadeiro mestre da palavra escrita. Ótimo trabalho que Florianópolis ficará sempre a dever-lhe.

..

Continuando por Santa Catarina, e pelo assunto religioso, vamos assistira um.

93. — TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE, do dr. Osvaldo Ferreira de Melo Filho.

A antiquíssima festa dos Santos Reis Magos de que o povo se apoderou e transformou em festa nitidamente popular, existia em todo o Brasil, como em Portugal. A semelhança é flagrante. Há reminiscência de uma em outra. Mas a festa está decaído com a materialidade absorvente da época.

O trabalho do sr. Osvaldo F. de Melo Filho, que nos conta a festa dos Reis em Santa Catarina, é valiosíssima contribuição de que se não poderá dispensar o futuro folclorólogo. E tem, além disso, a vantagem de avivar a tradição.

É o presente estudo n. 2 da série C das publicações do Departamento Estadual de Estatística de Santa Catarina (que tão benemeritamente colabora com os valentes campeões da Sub-Comissão Catarinense de Folclore).

E por falar nessa brilhante Sub-Comissão, urge anotar o aparecimento do n. 4. do I ano, de seu entusiasmático e magnífico.

94 — BOLETIM TRIMESTRAL que, como os anteriores, traz valiosa colaboração ilustrada com o retrato ou a caricatura dos autores dos diversos trabalhos que apresenta.

Desde a nota introdutória ao resumo do discurso do dr. Renato Almeida e saudação a este, pelo dr. Gama d'Eça, aos trabalhos dos srs. Euclides José Felipe sobre o monge João Maria, Walter F. Piazza, Lucas A. Boiteux, Plácido Gomes, Osvaldo R. Cabral (Secretário Geral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore), Ildefonso Juvenal e Zedar P. da Silva, até as notas e comentários tudo, neste belo número do BOLETIM TRIMESTRAL da Sub-Comissão Catarinense é bom, muito bom e prova evidente de que os folclorólogos de Santa Catarina seguem firmes na coleta de seu populário para a obra final

— o estudo sociológico de seu povo através o folclore.

Parabens a Santa Catarina e sua ilustrada e competente Sub-Comissão de Folclore.

BOLETIM TRIMESTRAL DA SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Acabamos de receber o terceiro número do Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, editado em Florianópolis. Aquela seção da Comissão Nacional de Folclore, um dos órgãos do I. B. C. C., tem como seu secretário geral o escritor catarinense Dr. Osvaldo R. Cabral, a respeito de cujas intelectuais já tivemos oportunidade de nos referir. Esse número já apresenta um considerável progresso em relação aos anteriores, não só em relação ao seu aspecto gráfico, como também à matéria que nos oferece. Além de colaborações de real interesse assinadas pelo srs. Dr. Plácido Gomes, Padre Alvinio Bertoldo Braun, S. J., E Euclides José Felipe, Custódio F. Campos, João dos Santos Areão, bem como abundante noticiário, contém o Boletim o texto de inquiritos que vêm sendo efetuados pelo Departamento Estadual de Estatística e para os quais vem contando com a decidida cooperação da Sub-Comissão de Folclore. O primeiro inquirito se refere às crenças e superstições; o segundo ao adagiário e o terceiro às benzeduras. O inquirito se faz acompanhar de instruções que permitem uma coleta mais segura dos dados. Quem desejar entrar em contacto com os folcloristas catarinenses, pode dirigir sua correspondência ao Dr. Osvaldo R. Cabral à Rua Esteves Júnior, 138, Florianópolis.

(Letras e Artes — Rio, 16-4-50).

PUBLICADO MAIS UM BOLETIM DE FOLCLORE

Florianópolis, 22 (Meridional) — A Sub-Comissão Catarinense de Folclore publicou seu quarto boletim trimestral, com interessante e valiosa documentação. (Jornal de Joinville, 23-6-50).

BOLETIM TRIMESTRAL

Recebemos por gentileza do seu Dire-

tor, o folclorista Oswaldo R. Cabral, os números 2 e 3 correspondente aos trimestres outubro, dezembro, janeiro e março, do vitorioso Boletim TRIMESTRAL da Sub-Comissão Catarinense de Folclore. Esses dois números vieram consolidar o êxito alcançado com a publicação do 1 número em setembro do ano passado, justificando plenamente os aplausos que, de toda parte receberam os ilustres dirigentes daquela valiosa revista folclórica.

Compõem o 2 número do BOLETIM — impresso em Multilith — além do noticiário e das atas da Sub-Comissão interessantes estudos e comunicações: "A Pesca com o Boto", de João dos Santos Areão; "As Verrugas no Folclore Catarinense", de Walter F. Piazza; "Vocabulário Regional Catarinense", de Demóstenes Veiga; um estudo "A respeito dos Corações e do Pão Por Deus", do Folclorista Oswaldo R. Cabral e outro sobre o "Folclore Joinvilense", de Plácido Gomes.

O 3 número, que foi composto e im-

presso na Imprensa Oficial do Estado, reúne igualmente, preciosa colaboração, destacando-se "Crendices e Superstições" do Dr. Plácido Gomes, o estudo sobre o linguajar do Planalto, pelo Pe. Alvino Bertoldo Bran, S. J., e sobre os "Termos Regionais", por Euclides José Felipe; o "Pilão", de João dos Santos Areão, além do 3 "inquérito Demológico" sobre "Rezas e Benzeduras", lançado pelo Departamento Estadual de Estatística de Santa Catarina.

Como vêem os nossos leitores, valendo e de modo auspicioso e brilhante, o BOLETIM TRIMESTRAL da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, a cujo ilustre Secretário Geral, o dr. Oswaldo R. Cabral, temos prazer de apresentar, neste breve registro e os mais vivos aplausos, extensivos aos seus inteligentes companheiros de trabalho.

(Folclore N. 4 — Janeiro e Fevereiro de 1950 — Vitória).

A TERCEIRA SEMANA NACIONAL DO FOLCLORE

A Terceira semana nacional de Folclore, este ano realizou-se em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, de 22 a 28 de agosto último.

O programa do interessante certame foi elaborado pela Sub-Comissão Rio-grandense de Folclore e ficou assim constituído:

Abertura da Semana pelo Sr. Renato de Almeida, Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore. Recita da Banda Municipal de 12 músicas populares do Rio Grande do Sul. Sessão de danças regionais do Rio Grande do Sul. Cêro orfônico dirigido pelo Prof. Enio de Freitas e Castro. Encerramento da Semana pela Sra. Cecília Meireles.

Houve ainda uma exposição folclórica, para a qual foram expedidas em tempo as seguintes instruções:

- Esculturas em madeira, barro e ed outors amteriais.
- Cerâmica.
- Trabalhos de vime, córda, lã, etc.
- Objetos gaúchos: estribos, rebenques, espóras, etc.
- Pintura, fotografias antigas, retratos, mapas regionais, etc.
- Traçaados de couro.

- Colonizações: alemã, italiana, poloneza, etc.
- Elementos de descendentes de açorianos, indígenas e negros.
- Ciclos do arroz e do fumo, outras áreas agrícolas.
- Ciclo da mineração, principalmente do carvão.
- Ciclo da pesca.
- Coisas de devoção religiosa: promessas, santos, estandartes, etc.
- Ciclos de festas: carnaval, congadas, reisado, cavalladas, roupas de danças, etc.

A sessão de estudos obedeceu ao seguinte critério previamente estabelecido pelos organizadores da Semana:

SESSÃO DE ESTUDOS

- Comunicações de todos os municípios.
- Trabalhos dactilografados de 3 a 6 páginas.
- Tradições, lendas, costumes, histórias, danças, festas de igreja, etc., de cada município.
- Medicina popular: receitas e remédios.

- Lugares assombrados, crônicas de combates, cenas da vida agrícola, pastoril, industrial e comercial.
- Poesia popular: música e desafios.
- Vocabulário dos mineiros de carvão, dos empregados das granjas de arroz. Gíria. Termos regionais.
- Escrever sobre tudo que possa interessar às tradições da terra.
- Cada autor pode concorrer com um ou mais trabalhos.

A Comissão Estadual de Folclore contou, para a realização da Semana com a colaboração das seguintes entidades:

dos srs. delegados da Comissão em cada um dos municípios do Rio Grande do Sul;

dos ilustres Prefeitos de todas as comunas gaúchas;

do abenegoado professorado dos colégios, ginásios, escolas elementares, complementares, normais e grupos escolares;

do professorado especializado em história, geografia, literatura e idiomas; dos intelectuais;

da Escola de Bailado de D^a. Tony Seitz Ptehzold, Banda Municipal de Pôrto Alegre, Prefeitura Municipal da capital do Estado, Universidade do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia da Universidade do Estado, Universidade Católica e Faculdade de Filosofia, Centro 35 de Tradições Gaúchas, Centro de Pesquisas Folclóricas Simões Lopes Neto, Centro de Pesquisas Folclóricas Luciano Galet, Centro de Pesquisas Folclóricas Alcides Maya, Centro de Pesquisas Folclóricas Roque Calage, Grêmio Gaúcho, Clube Farrapos, Instituto de Belas Artes, Brigada Militar, Sociedade Hípica, Secretaria da Educação, Centro de Professores de Música e Associação Riograndense de Música, etc.

Em nosso próximo número publicaremos ampla reportagem do que foi a semana folclórica de Pôrto Alegre.

O BOLETIM TRIMESTRAL E O DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO

O número 4 do nosso Boletim foi distribuído a todos os Grupos Escolares do Estado, por intermédio do Departamento de Educação.

Na oportunidade de enviá-lo aos Grupos, o Dr. Elpidio Barbosa, Diretor do Departamento, dirigiu uma circular aos Diretores daqueles educandários, cujos termos são os seguintes:

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CIRCULAR N. 47

Florianópolis, 6 de julho de 1950.

Assunto: Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

Aos senhores Diretores de Grupos Escolares.

Com prazer, o Departamento de Educação remete-vos o Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore (n. 4), por gentileza daquele órgão, que, apesar de sua curta existência, vem realizando trabalho de real valor, tornando conhecida, não só no Brasil e em Santa Catarina, como no estrangeiro, a beleza

dos mais variados motivos folclóricos de nossa terra.

Aplaudindo-o, sem restrições, e no intuito de bem cooperar com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, o Departamento de Educação pede a vossa atenção no sentido de que entreis em contacto direto com o prefalado órgão ao qual podeis prestar o melhor trabalho na qualidade de correspondentes e colaboradores.

Desde já, agradecendo a oferta do Boletim n. 4, podeis oferecer-lhe vossos préstimos, enviando-lhe trabalhos folclóricos, notas, esclarecimentos, ou ainda, pedindo-lhes instruções sobre a maneira como deveis agir na qualidade de correspondente e colaborador.

O Departamento de Educação sentir-se-á muito satisfeito pela boa acolhida que dispensardes à presente circular.

Saúde e fraternidade.

Elpidio Barbosa, diretor do Departamento de Educação.

Somos gratos ao Sr. Diretor do Departamento de Educação pelas palavras acima e, sobretudo, pela recomendação que faz aos professores de colaborarem com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

O QUE NOS ESCRIVEM

RECEBEU a Direção deste BOLETIM cartas: de várias procedências, das quais permitiu-se destacar os seguintes trechos, que dizem do interesse com que vem o mesmo sendo recebido:

Do Ilustre folclorista argentino Felix Coluccio:

"Mi estimado amigo: — Ayer, Día de las Américas, me llegó su fraternal envío de los números 2 y 3 del Boletín Trimestral. Sinceramente le digo que han hecho Uds. una ascensión vertical en tan importante publicación que será recibida en toda América con interés creciente.

La historia del folklore brasileiro estará jalonada, quando se escriba, por ese Boletín que silenciosamente cumple una meritoria obra, doblemente significativa por cuanto al entusiasmo de sus dirigentes se agrega el rigorismo científico que deben tener las investigaciones y publicaciones folklóricas.

Reciba, pues, mi querido amigo, mis sinceras felicitaciones, y sigan adelante, sin desmayos". (Buenos Ayres, 15 de abril de 1950).

*
*
*

Do nosso Ilustre conterrâneo Dr. Egon Schaden, Professor em São Paulo:

"Acabo de receber o novo número do Boletim de folclore. Muito obrigado e, mais uma vez, meus parabens. Acho interessantes e valiosas as contribuições sobre o linguajar barriga-verde. Se Deus quizer, colaborarei um dia em sua bela tarefa cultural". (S. Paulo, 7 de abril de 1950).

*
*
*

Do historiador Tte. Cel. José Agostinho, Chefe do Serviço Meteorológico Nacional nos Açores (Serviço Regional):

Recebi ha pouco os números 2 e 3 do Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, que muito agradeço. Para nós, açorianos, é particularmente grato verificar, ao percorrer as páginas do Boletim, como as nossas afinidades com o povo de Santa Catarina se mantêm tão vivas em costumes, modos de dizer, etc.

Vejo aí referência ? dança do pézinho, que nós também aqui temos. Também

subsiste aqui o costume das crianças pobres pedirem pão por Deus no dia de Todos os Santos. Andam aos grupos, batendo a todas as portas e fazendo o pedido nestes termos: "Oh senhora, uma coisinha de pão por Deus". E recebem uma moeda, um brinquedo, ou qualquer outra insignificância. Nas famílias também se costuma dar pão por Deus às crianças e aos criados, embora o não peçam. Dá-se dinheiro, um brinquedo, uma peça de vestuário, etc.

Do vocabulário regional (pág. 19 do n. 2) são aqui usados os seguintes termos entre o povo, com significação análoga à que vem mencionada no Boletim: andaço, juntar, pau de cabeleira, em riba, antes que mal pergunte, descontra a vontade, destroçar, desinfeliz, familinhas, pitafe, desarriscar. Pandorga é mulher gorda e mal agitada. Pizar é fazer doer. Pinchar é saltar.

Também entre os termos mencionados à páginas 20 e seguintes do n. 3 se usam aqui vulgarmente: loicenço e arrenegarse com as significações aí apontadas. Igualmente arriata, topar, que julgo serem de uso geral na nossa língua comum.

Não tem estas breves palavras outro fim que não seja mostrar a V. Excia. o interesse que me mereceu o Boletim, pois sobre os assuntos nele versados não deixarão de pronunciar-se os entendidos, em especial o meu amigo Dr. Luis Ribeiro. Agradeçerei muito a remessa dos futuros números do Boletim e subscrevo-me com a maior consideração, etc..." (Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, 11 de maio de 1950).

*
*
*

Do folclorista cearense Dr. Florival Seraine:

"Acuso o recebimento dos dois últimos números do Boletim da Sub-Comissão Catarinense de Folclore. O seu Estado ministra, desta forma, uma admirável lição de fervor cultural ao resto do país. Aceite os meus aplausos por essa iniciativa, que é bem indice do seu valor intelectual, etc..." (Fortaleza, 9 de maio de 1950).

Do jornalista Luiz de Azevedo:

“Colabore no conceituado respeitino carioca “Correio da Manhã”. Tive conhecimento nas colunas de “LETRAS E ARTES” sobre sua interessante publicação sobre o folclore nacional, assunto tanto

a meu gosto, quanto difícil de conseguir. É para mim necessário conhecer nosso folclore, pois além de escrever, estudo na Escola Nacional de Belas Artes, anexa à Universidade do Brasil e pretendo fazer arte com coisas nossas, coisas típicas, bem brasileira...” (Rio, maio de 1950).

NOTÍCIAS DIVERSAS

SOCIOLOGIA DAS DANÇAS E BAILES EQUATORIANOS

Realizou-se no Rio, em junho do corrente ano, promovida pela Comissão Nacional de Folclore, pelo Instituto Brasil-Equador e pela Associação dos Artistas Brasileiros, uma conferência do Professor Geraldo Falconi, catedrático de Direito Internacional da Universidade de Quito e Diretor da Escola de Jornalismo do Equador, subordinada ao título acima. A conferência foi realizada no Salão da Associação dos Artistas Brasileiros, no Pálace Hotel e constituiu um grande acontecimento cultural pela ampla repercussão que teve, não só pelo tema abordado como pelo renome do conferencista.

TEATRO FOLCLÓRICO BRASILEIRO NO CLUBE MILITAR

Realizou-se no Teatro João Caetano, promovido pelo Clube Militar, um espetáculo de motivos folclóricos brasileiros, nos seus aspectos místico, lendário e de costumes, dedicado à família dos sócios daquela prestigiosa associação de classe. Entre os números apresentados destacaram-se os seguintes:

O samba-cappuccia, misto de coreografia e luta, de gosto primitivo. A macumba na seba-ritual religiosa, fetichista, de origem africana. O maracatu-cerimônia da coroação do rei negro, ocorrida pela primeira vez há cerca de duzentos anos, no adro de Igreja Nossa Senhora do Rosário, em instrumento próprio: atabaques, atochês, agogôs, etc.

RECITAL DE DECLAMAÇÃO

Sob o patrocínio do Instituto de Educação, realizou-se nesta Capital, a 28 de junho, um interessante recital de declamação da consagrada declamadora GRA-

ZIELA CABRAL, dividido em três partes, das quais, a segunda, foi inteiramente consagrada a opetas catarinenses. Os números escolhidos foram dos nossos coetâneos Othon D'Eça, Walmor Cardoso da Silva, Sálvio de Oliveira, Maura de Sena Pereira e Cruz e Souza

TRABALHOS DE FILMAGEM E GRAVAÇÃO

Em Atibala, São Paulo, a convite do Prof. João Batista Conti, esteve um grupo de folcloristas do Centro de Pesquisas Mário de Andrade, sob a direção do Prof. Rossini Tavares de Lima, realizando ali uma série de trabalhos de filmagem e gravação, recolhendo interessante material inédito sobre festas tradicionais da cidade, principalmente, congadas sambas.

VEIO ESTUDAR O FOLCLORE BAIANO

Chegou à Bahia, em maio do corrente ano, afim de estudar o seu riquíssimo folclore, o Prof. Tomás Lago Pinto, Diretor do Museu de Artes Populares da Universidade do Chile.

PROJETO ARI BARROSO

O Vereador à Câmara do Distrito Federal, Sr. Ari Barroso, apresentou à consideração de seus pares o interessante projeto de lei que abaixo transcrevemos:

Art. 1º — Fica instituída em caráter permanente no Distrito Federal, a “Temporada de Festas e Danças Típicas Brasileiras”.

Art. 2º — Essa temporada será dirigida, regulamentada e executada pelo Departamento de Turismo e Propaganda da Prefeitura e durará 15 dias, iniciando-se no segundo domingo de julho.

Art. 3º — Essa temporada se constituirá do seguinte:

a) desfile dos frevos e maracatus de Recife;

b) desfile das "Congadas" mineiras;

c) festa junina, com bailes públicos a caráter;

d) desfile de Ranchos e Escolas de Samba;

e) exibição de "Capoeiras" e Candombles da Bahia;

f) rodelo gaúcho;

g) cavalhadas nordestinas;

h) nau catarineta e reisados.

Parágrafo único — O prefeito baixará

instruções para o cumprimento efetivo da temporada, podendo, a seu critério, modificar o roteiro de que trata este art., de modo aproveitar o máximo, toda a riqueza de nosso folclore.

Art. 4º — Para a realização da "Temporada de Festas e Danças Típicas Brasileiras", fica aberto o crédito especial de Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzelros) que será compensado na forma da Lei n. 2.416.

Art. 5º — Revogam-se as disposições em contrário".

LIVROS E PUBLICAÇÕES

O TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE — Oswaldo Melo Filho — Florianópolis, 1950 — Série C, n. 2, do D. E. E.

Oswaldo Melo Filho que já nos deu na série C das publicações do D. E. E. um bom estudo sobre o BOI DE MAMÃO, entregou ao público, em junho, um novo estudo versando sobre o TERNO DE REIS NO FOLCLORE CATARINENSE. Além da introdução, conta a monografia de Oswaldo Melo três capítulos intitulados: — O ciclo de Natal e o Terno de Reis; Pelo Interior e A Música e os Versos.

É um trabalho honesto de pesquisa, como convém aos que cultivam o folclore. Ba documentação, acima de tudo.

Oswaldo Melo Filho, alto funcionário do D. E. E. pertence à Sub-Comissão Catarinense de Folclore, que o tem como um dos seus membros mais destacados. Ao distinto companheiro apresentamos as nossas felicitações, bem como ao D. E. E. pela edição de mais uma das suas excelentes publicações.

O trabalho gráfico, como sempre ótimo, foi executado pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. A capa, um sugestivo desenho do nosso confrade Orlando Ferreira de Melo, correspondente da Sub-Comissão, em Blumenau.

O. C.

FOLIA DE REIS DE CUNHA — Alceu Maynard Araujo — Separata da Rev. do Museu Paulista — Vol. III — São Paulo, 1949.

Prefaciado pelo sr. Renato de Almeida,

Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore, Alceu Maynard Araujo, um dos mais eminentes folcloristas brasileiros apresenta-nos em excelente brochura aspectos da Folia de Reis de Cunha, cidade das margens do Paraíba que por longos anos ficou isolada de contactos e influências estranhas e, por isso mesmo, guarda com a sua primitiva pureza, os costumes tradicionais do seu povo.

As folias são ali de dois tipos: as folias de "banda" e as folias de "caixa", cada qual com as suas características próprias.

Maynard Araujo captou não só os versos de ambas como ainda as melodias dos cantadores locais, ilustrando a parte descritiva e sugestiva, com flagrantes fotográficos.

Documentário precioso sobre as nossas tradições folclóricas do ciclo natalino, o trabalho do ilustre pesquisador paulista merece ser lido por quantos se interessem pelos estudos folclóricos em nosso país.

O. C.

CARREIRA DE CAVALOS EM ITAPETINGA HA CINCOENTA ANOS — Alceu Maynard Araujo — Separata da Rev. "Sociologia" — Vol. XI, n. 4 — 1919.

Maynard Araujo relata o tipo de carreira de cavalos que se fazia em Itapetitinga, nos começos do século, com todas as particularidades peculiares ao "antigo divertimento".

Tomando o depoimento de velhos "carreiristas" e espectadores, reconstituiu com o máximo de exatidão não só

o ato da corrida como ainda o ambiente em que se realizavam as mesmas, focalizando a assistência, os apostadores, os corredores e outros tipos interessante da época.

O. C.

FOLCLORE — Órgão da Sub-comissão Espírito-Santense de Folclore — Vitória — Janeiro e Fevereiro de 1950 — Nº. 4

Folclore é o nosso mais antigo confrade em terras do Brasil. Uma excelente publicação que obedece à direção de Guilherme dos Santos Neves, Secretário Geral da Sub-Comissão Espírito Santense de Folclore e que em seu número 4, que representa mais uma vitória para os seus dirigentes e colaboradores, encerra interessantíssimos aspectos do folclore capixaba, além de vários estudos sócio-folclóricos. Assim, contam-se em o n. 4 de FOLCLORE: — O Ticumbi, dança guerreira, fartamente ilustrado é um estudo descritivo de uma variante das Congadas; Versos de Reis, de Renato da Costa Pacheco; o Folclore como ciência normativa, de Eurípedes Queirós do Vale; Superstições de Morte e — a Burrinha —, de Guilherme dos Santos Neves; Retorno ao Tempo perdido, de Eugénio Sette; o Bodoque e a Seta, de Jair Etienne Dessauze, em que se fica conhecendo o depoimento capixaba do interessante "motivo" iniciado por Carlos Steiffeld no Paraná; e o Alardo, variante de Ticumbi, de Clóvis Rabelo. Além das magníficas colaborações conta FOLCLORE amplo e variado noticiário.

Ao nosso mais velho confrade, as nossas felicitações mais efusivas pelo excelente n. 4 — e a Guilherme dos Santos Neves e seus companheiros os nossos votos de crescentes prosperidades.

O. C.

A ILHA — Semanário Cultural e informativo — São Miguel — Açores

Depois que se realizou em Santa Catarina, o 1º Congresso Catarinense de História, comemorativo do bi-centenário do povoamento do Estado pelos casais açorianos, um grande intercâmbio cultural

se firmou entre intelectuais de Santa Catarina e dos Açores.

Publicações catarinenses são recebidas hoje, nos Açores, regularmente, graças ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Sub-Comissão Catarinense de Folclore e de lá o Instituto Histórico e Geográfico da Ilha Terceira, de Angra do Heroísmo, e Instituto Cultural de Ponta Delgada, de São Miguel, mandam as suas publicações regularmente aos nossos estudiosos.

Depois de dois séculos estabeleceu-se novamente a ligação que havia sido cortada logo após a vinda dos povoadores, devido às dificuldades insuperáveis, naqueles tempos, postas pelos meios de comunicação precários.

Os parentes restabeleceram, assim, velhos laços de amizade e folgamos em registrar que foi a cultura catarinense que possibilitou tão auspicioso acontecimento.

Dentre os intelectuais açorianos que mantém intensa correspondência com os seus confrades d'aquem mar poderemos citar o Dr. Luiz da Silva Ribeiro, o dr. Manoel de Menezes e Sousa, o Cel. José Agostinho, o Dr. Humberto de Betencourt Medeiros e Câmara, o dr. Carreiro da Costa e outros, muitos outros, cujos nomes são hoje familiares aos nossos intelectuais.

Carreiro da Costa, que honra as colunas do nosso BOLETIM com um trabalho sobre diversos aspectos do folclore catarinense e açoriano, é um trabalhador infatigável. E no seu trabalho de aproximação enviou-nos vários exemplares do bem feito periódico A ILHA, que se edita em Ponta Delgada, com variada matéria, inclusive rico material folclórico, tendo a assiná-la além de Carreiro da Costa, nomes das mais ilustres penas dos Açores.

BOLETIM DA COMISSÃO REGULADORA DE CEREIAIS DO ARQUIPELAGO DOS AÇORES — Ponta Delgada — São Miguel — Açores.

Também ao ilustre confrade ficamos a dever uma coleção do BOLETIM da Comissão Reguladora dos Cereais do Arqui-

pelago dos Açores. Apesar de ser uma revista especializada, em suas páginas encontramos material folclórico abundante e aspectos da vida rural açoriana que muito se assemelha à das nossas populações litorâneas.

Muito agradecido ao metente.

**REVISÃO AO PROBLEMA DA
DESCOBERTA E POVOAMENTO
DOS AÇORES — Dr. Manoel de
Sousa de Menezes — Separata do
Vol. VII do Boletim do Instituto
Histórico da Ilha Terceira — An-
gra do Heroísmo — 1949.**

O Dr. Manoel de Sousa de Menezes é na Ilha Terceira figura das mais representativas, como médico, político e historiador. Membro do Instituto Histórico da Ilha Terceira, para esse ilustre soldado escreveu um exaustivo trabalho fazendo uma REVISÃO AO PROBLEMA DA DESCOBERTA E POVOAMENTO DOS AÇORES, partindo desde "o que dizem os mapas" até chegar ao cronistas como Gomes Eanes de Zurara Diogo Gomes de Santa, Bartolomeu de las Casas, Damião de Góis, Gaspar Frutuoso e muitos outros. Estuda o povoamento da Terceira, critica os documentos e as cartas, analisa os dados, buscando deixar solucionado de vez o importante problema histórico. Termina o importante estudo com dados genealógicos e cronológicos relativos às Ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Faial, Pico, Flores e Corvo.

É um trabalho de grande fôlego que enaltece os méritos do seu Autor.

O. C.

**BOLETIM DO INSTITUTO HIS-
TÓRICO DA ILHA TERCEIRA
— Angra do Heroísmo —
n.º 7 — 1949**

O Instituto Histórico da Ilha Terceira, que tem a presidir-lhe os destinos a figura do eminente e venerando historiador Luiz da Silva Ribeiro, entregou ao público mais um número do seu excelente BOLETIM, contendo, contendo, além do trabalho do dr. Manoel de Sousa de Menezes, referido acima, produções devi-

das as penas dos seus colaboradores Antônio Raimundo Belo (Relação dos Imigrantes Açorianos para os Estados do Brasil, extraída do Livro de Registro de Passaportes da Capitania Geral dos Açores), Manoel Coelho Batista de Lima (A Igreja de S. Sebastião da Ilha Terceira), Walter Spalding, que é também nosso brilhante colaborador (Superstições comuns ao Brasil e aos Açores), Cônego J. A. Pereira (O pessoal da Catedral de Angra e As Missas "pro-Infantado" nas Ilhas) etc.. Completam o número amplo noticiário, notas bio-bibliográficas e resumo das atividades do Instituto.

Muito agradecidos pela remessa.

**O PENSAMENTO ANTROPOLÓ-
GICO DE ARTUR RAMOS —
Egon Schaden — América Indígena,
Vol. X, n.º. 2 — Abril de 1950.**

O ilustre sociólogo catarinense Egon Schaden, residente em São Paulo, onde honra o nome da nossa terra, na cadeira e na imprensa, em memória do mestre brasileiro intetisa em magnífico trabalho curto, conciso, exato, é uma das mais ricas coroas que se depositaram sobre o túmulo do grande professor.

**BOLETIN DE LA ASOCIACIÓN
TUCUMANA DE FOLKLORE —
Tucuman — República Argentina
— Ano I, Vol. I — n.º 1/2**

Uma excelente publicação periódica acaba de aparecer na vizinha República Argentina, na cidade de Tucumán, dedicadas exclusivamente ao folklore. Do primeiro número, que nos foi gentilmente enviado, constam os seguintes artigos, que tem a assiná-los os nomes mais eminentes do folklore do país irmão: — El Folklore de Tucuman (Tobias Rosenberg); Los "Negados de Dios", casta de vitoreros (Tobias Rosenberg); La menstruación em el folklore de Tucuman (Notcias); Primer Congreso Nacional de Folklore (Noticia) e uma seção especializada de Bibliografía. — Somos gratos à remessa e desejamos que o colega tenha longos anos de vida, visitando-nos sempre que aparecer.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

SUL — Revista do Círculo de Arte Moderna, n. 11 — Malo de 150 — Florianópolis.

OASIS — Jornal de Literatura e Arte — Nrs. 2 e 3 — Florianópolis.

ATUALIDADES — Nova fase, sob a direção do nosso companheiro José Cordeiro — Florianópolis.

PRÓXIMAS PUBLICAÇÕES CATARINENSES:

Anais do 1º Congresso Catarinense de História — Vols. 1 e II — (História).

Zedar Perfetto da Silva — Pelo Oeste Catarinense (Viagem e impressões).

Oswaldo R. Cabral — Nossa Senhora do Destêrro — Os Juizes de Fora (História).

Walter Piazza — Nova Trento (História).

Salvio de Oliveira — Dona Baratinha (Teatro).

TERCEIRA SEMANA NACIONAL DE FOLCLORE

SUA REALIZAÇÃO ESTE ANO EM PORTO ALEGRE

Realizou-se, de 22 a 29 do mês de agosto passado, a III Semana Nacional de Folclore, promovida pela Comissão Nacional de Folclore, do IBECC, e realizada pela Comissão do Rio Grande do Sul, secretariada pelo prof. Dante de Laytano.

A I Semana realizou-se em 1948, no Rio de Janeiro, no Ministério da Educação; a II em São Paulo, no ano passado, no Consedvatório Dramático e Musical, ambas com o maior êxito.

As Semanas Folclóricas foram criadas para celebrar o Dia do Folclore, ou seja 22 de Agosto, data em que o etnólogo inglês William John Thomas, em carta à revista londrina Atheneum lançou, em 1948, a palavra Folk Lore, que depois se universalizou.

O programa da III Semana Folclórica, que foi presidida pelo Dr. Levi Carneiro, presidente do IBECC, para qual foram convidados não só os membros da Comissão Nacional de Folclore, mas por igual vários folcloristas brasileiros, foi o seguinte:

Dia 22 — Abertura da Semana, pelo Sr. Renato Almeida, Secretário — Geral da Comissão Nacional de Folclore;

Dia 23 — Concerto da Banda Municipal, com músicas tradicionais do Estado;

Dia 24 — Concerto Orfeônico, pelo Orfeão dos Professores do Rio Grande do Sul;

Dia 25 — Sessão de estudos, para debate dos trabalhos apresentados;

Dia 26 — Danças Regionais pelo corpo cênico do "35", Centro de Tradições Gaúchas, Carreiras em cancha reta e outras demonstrações da vida campeira pelo Clube dos Farrapos;

Dia 27 — Churrasco oferecido pelo Grêmio Gaúcho, com desafios de gaiteros;

Dia 28 — Encerramento com uma conferência de D. Cecilia Métreles.

Houve ainda conferências, palestras e irradiações radiofônicas por folcloristas convidados.

Durante a Semana, realizou-se ainda uma Exposição de material folclórico e de artes regionais.

TRABALHOS ORIGINAIS

Achegas à Porandaba Catarinense

Lucas A. Boiteux

O nosso eminente coestaduario Sr. Capitão de Mar e Guerra Lucas Alexandre Boiteux, um dos mais conceituados cultores das letras históricas catarinenses, teve a gentileza de enviar à Sub-Comissão Catarinense de Folclore a excelente colaboração que hoje iniciamos. Trabalho de muitos anos de observação, pesquisa e registro, precioso pela meticolosa exatidão que o autor coloca em todas as suas obras, encerra os mais variados aspéctos da poranduba barriga-verde que este Boletim irá publicando fracionadamente.

Teremos, assim, a colaboração do ilustre escritor de maneira permanente enriquecendo as nossas páginas e a certeza de que, para os nossos leitores constituirá um motivo de atração constante.

As páginas que hoje publicamos encerram algumas pequenas lendas colhidas em vários pontos da terra catarinense, numerosas adivinhações tão corriqueiras entre a nossa gente e um A-B-C versificado que nada fica a dever a muitos que tem sido colhidos em outros pontos do país.

N. da R.

Pequenas lendas

O CABELEIRA

Em o penhascoso costão da enseada de **Imbituba** existe uma tenebrosa lapa a que dão o nome de "Buraco da Cobra". Ali, — segundo diziam os antigos — se aninhava enorme e horrível serpente, dotada de farta cabeleira e que, à noite, fazia grandes estragos na criação das redondezas. No tempo em que existia naquele porto uma Armação de Baleias, havia um negro, empregado nela, que aos domingos e dias santos fugia de ouvir a missa para meter-se naquela furna e all entretei-se em pentear e fazer tranças na cabeleira do apavorante monstro. Apontavam-no como feiticeiro e ter partes com o demonho, mascarado naquela horrenda e temível cobra. Um belo dia o negro e serpente desapareceram sem deixar vestígios.

O SETE-CUIAS

Contaram-me pescadores de **Sambaqui** e Ponta Grossa que, em o pontal dos Ratonos, por êles considerado assombrado, noite velha, ouvem-se rufos de misteriosos tambores e que também costuma aparecer um vulto negro a pedir, por acenos, passagem aos canoeiros que se avizinham e perlongam aquela estirada língua de areia. Acontece que, ao embarcar a estranha e silenciosa figura, a canôa se torna de tal maneira sobrecarregada, que não mais avança apesar das fortes e continuadas remadas do tripulante: começa a encher-se d'água e a afundar. Nessa ocasião o malvado negro, que é apelidado de "Sete-cuias" dá uma pavorosa risada e desaparece, deixando o misero canoeiro a debater-se nas ondas.

O MINHOCÃO

Quando visitei as praias de léste da ilha de **S. Francisco** — Grande, Enseada, Ubatuba, Itamirim, Peroba, etc. — contaram-me os pescadores da região que, de longe em longe, sofrem aquelas ribas vários abalos, desmoronamentos, invasões do mar, alagamentos e subversões, etc., que atribuem à uma serpente marinha de formas colossais, que naqueles sitios cava longas galerias subterrâneas por onde o mar penetra com furia, determinando tais acidentes. Certo sitio, onde existe um farolete, que ruíu certa vez em consequência do afundamento do terreno, é chamado por isso **Samidouro**. Tal serpente marinha é chamada **Minhocão**. Os selvicolas catarinenses já se referiam a ela, com o nome de **Mboi-assú** (cobra grande) e os terríveis efeitos de sua passagem.

A GARRAFINHA

(Ilha)

Uma mãe perdera o filho pequenininho e, cheia de amargura e desespero, não cessava de pranteá-lo dia e noite. Vivia debulhada em lágrimas. Teve então um sonho em que lhe appareceu o filhonho amado, muito triste e aflito. Ela perguntou-lhe a razão daquela mágoa. — "Minha mãesinha, — respondeu a criança — porque não alcancei ainda entrar no reino da glória!..." — "Mas, como, meu filho, se és

um anjo, puro, sem pecado?" — "Sim, mãesinha, devido às tuas contínuas e copiosas lágrimas..." "Eu te explico: Quando morre uma criança, ao chegar às portas do céu S. Pedro entrega-lhe uma Garrafinha para nela recolher as lágrimas de sua mãe; se estas forem tão abundantes que façam transvasar a garrafinha, não logrará gozar logo da bemaventurança eterna.

E é por isso que se aconselham às mães a se comedirem nas lágrimas aos filhos que morrem criancinhas.

A CIGARRA

(Ilha)

Diz o nosso povo que a Cigarra é um animalsinho amaldiçoado, pois carrega com tremenda praga. Aconteceu que estando a mãe dela gravemente doente e desacompanhada, mandou-lhe um recado para que viesse fazer-lhe companhia e servir-lhe de enfermeira. A Vigarra, muito foliona que era, não se conduziu da pobre senhora e mandou dizer-lhe que não podia atendê-la, pois estava comprometida a cantar num baile. A mãe, diante da deshumana resposta da filha ingrata, ajoelhou-se, pôz-se de os olhos no céu e rogou-lhe terrível praga: "Deus permita que arrebetes de tanto cantar! E é por isso que a Cigarra tanto se estofa no canto que acaba rebentando pelas costas.

A LAGOA DO BICHO

A margem direita do rio Araranguá, cerca de dois quilômetros da sua fóz, soergue-se do meio de vista planura arenosa imponente massiço de avermelhadas rochas sedimentares assaz antigas. Nossos antepassados chamaram-no — **Conventos**, tal a parecença encontrada, visto de longe e de certo angulo, com uma dessas esbarrondadas e veneráveis construções monacaes das passadas idades. A face do monolito gigante, que encara o nascente, é sulcada de gilvazes profundos, de rugas acentuadas, indicando, mui provavelmente, a galhardia com que afrontára em remotas eras as coleras desabaladas do velho e sanhu-do Oceano. Aquele que pelo lado do mar o contempla, altaneiro, senhoreando a planura escampa, toucando de buritis e botiás, verdadeiro penacho d'elmo truculento, tem a impressão de estar em face de um daqueles desabusados gigantes escaladores do Olimpo, de que nos fala a mitologia grega, ali petrificado e chumbado àquele solo adusto, inclemente, pela vontade dos deuses vingadores. Terminada a luta herculea, exhaustiva, contra os escarcéos do mar antigo, aquela imponente carcassa milenária atiram-lhe em cima avalanches de areia, com o propósito incontido de afogá-lo, de sepultá-lo para sempre. Puro engano! Crescem e se alteiam os comoros e a sdunas, quaes vagas desmedidas, em torno a rude penedia, mas não conseguem nunca dela aproximar-se. Largo fôssó se cava em derredor dela, como uma zona neutra de respeito, de temor, a isola-la. Soturna e mesquinha lagóa — suor daquela fronte vincada e adusta de lidador indomavel — abre-se a leste e mescla suas águas esverdinhadadas com as de uma outra que lhe demora ao occidente. Esta é a chamada "Lagóa do Bicho", onde se aninha, segundo a crença popular, um animal misterioso, extranho, fantástico, aterrador, que espera até hoje quem quebre o seu encantamento.

LOBISHOMEM

(Ilha)

O **Lobishomem** ou **Lambishome**, como é conhecido entre a arraia miuda de Santa Catarina, é — segundo voz corrente — o **primeiro** ou o **sétimo** dos filhos de um casal, o qual tem um fado triste a cumprir. Tal qual a bruxa, para evitar-se essa desgraça, o irmão mais velho deve batizar o mais moço. A pessoa que carrega êsse fado é, geralmente, de físico pouco agradável; magro, escaveirado, macilento, de olhos fundos e de cabelos foveiros. Dizem que êle sai à noite e dirige-se para uma encruzilhada onde passa a espojar-se onde outro animal o tivesse feito. Dá-se aí a sua transformação tomando a forma de um animal, geralmente do cão. Passa então a percorrer, gemendo ou uivando pelos caminhos transmitindo infelicidade a todos que encontra. Dizem que sua sina é percorrer entre meia-noite e o primeiro canto do galo sete cidades. Os cães o pressentem de longe e ladram, atemorizados, à sua passagem.

Contaram-me prafeiros de Canasvieira que existia no distrito de Ratozes uma senhora casada que tinha um filho. Todos os dias, logo que o marido se ausentava, ia ela banhar a criança numa gamêla. Ao fazê-lo, aproximava-se um bacorinho, que tentava morder o menino. Ela o enxotava, mas o animal teimava em voltar. Certo dia, ela não se conteve e bateu no bicho que, enfurecido, avançou para ela e pôz-lhe em tiras a saía de baeta. Ao levantar-se, na manhã seguinte, viu com grande assombro os dentes do marido cheios de fiapos da referida fazenda. Foi assim que êle, sendo um Lobishomem, perdeu o encantamento.

BRUXAS

(Ilha)

Quando de um casal nascem sete filhas, sem nenhum menino de permeio, a primeira ou a ultima será, fatalmente, uma **bruxa**. Para que isso não venha a acontecer faz-se misté: que a mana mais velha seja a madrinha de batismo da mais moça. São apontadas como tal certas mulheres magras, feias antipáticas. Dizem que têm pacto com o demonio, lançam maus olhados, acarretam enfermidades com os seus **bruxedos**, etc. Costumam transformar-se em mariposas e penetrar nas casas pelo buraco das fechaduras. Têm por habito chupar o sangue das crianças ou mesmo de pessoas adultas, fazendo-as adormecer profundamente. A marca do chupão deixado na pele, chama o vulgo de "melancolia". Para que as crianças não batizadas não sejam atacadas pela bruxas, deve-se à noite conservar a luz acêsa no quarto. Sabe-se que uma mulher é bruxa, quando dá a apertar a mão **canhota** esquerda. Para se descobrir a bruxa que chupa o sangue da criança e ela logo apareça, sóca-se em um pilão a camisa da criança ou da pessoa por ela chupada. Ela logo se apresenta e pede para que não façam aquilo. Existe também uma oração contra elas; quem a possui consegue descobri-la e prende-la e também não adormece quando ela à noite penetra em casa. A pessoa assim prevenida toma, para prende-la, de um tacho ou uma medida de alqueire e logo que a bruxa entra em casa, emborca o tacho ou a medida e ela fica incapaz de sair. Ha ainda outro processo de identificar uma bruxa: vira-se a lingueta da fechadura de uma canastra. A bruxa, ao entrar em casa, a primeira coisa que faz e pedir para endireitar a lingueta.

COISAS DO DEMO

Dizem que o Diabo é preto, tem rabo, chifres, unhas compridas e pés de cabra; féde a bode e também a enxofre. Usa uma barbicha em ponta, quando em figura de gente e traz um chocalho ao pescoço. Afinal "o Diabo não é tão feio como se pinta", pois para poder tentar os mortais toma todas as formas, mas também "não faz graças para ninguém rir". É conhecido por inúmeros apelidos: Belzebuth, Bóde, Capêta, Cão, Canhoto, Coisa-ruim, Diacho, Dianho, Demo, Demo, Demônio Espirito-mau, Inimigo, Lucifer, Pé de pato, Pedro-Botelho, Porqueira, Quimbinga, Satan, Satanaz, Tinhoso, etc. etc. Contam que êle pedira ao Padre-Eterno uma capa para esconder as suas deformidades, mas Deus-nosso-senhor presenteou-lhe apenas com uma muito velha e muito curta, pois quando pretende esconder os chavelhos aparece-lhe a cauda; quando tapa esta aparece-lhe aqueles. Afirmam outros sabidos que êle possui sete capas, que "tanto encapam como desencapam". É raro êle andar só; anda acompanhado de um séquito de diabinhos e diabretes cada qual mais ladino e levado da carêpa; mas vive sempre sob a vigilância constante de uma legião de arcanjos de espadas flamejantes. Só agora goza de uma folgazinha no dia de S. Bartolomeu (24 de Agosto) "quando anda às soltas", armando grande temporal. Reside nas "profundas dos Infernos" alimentando terríveis caldeirões de alcatrão a ferver. Costuma a aparecer à meia-noite na encruzilhada dos caminhos para pregar peças aos transeuntes, e também gosta de assustar as moças. É fama que tanto procurou ageitar o nariz de sua própria mãe (Joana Padeira) que o pôz torto; e, por fim matou-a com um tiro partido de um cano de bota ou, segundo outros, com a tranca da porta. Afirmam que costuma êle carregar o corpo dos defuntos para seus domínios, deixando o caixão cheio de pedras. Não se deve falar sózinho nem beber água no escuro porque o faz com o Diabo. É preciso que se note que "a gente trabalha para Deus e para o Diabo"; que "vintem mal ganhado o diabo o leva" e que "na pataca do sovina (320 rs.) o diabo tem três tostões (300 rs.)". Não se deve "ter partes" com êle e fugir dêle "como o diabo da cruz"; nem "acender uma vela a Deus e outra a êle, pois é provavel que êle lhe "ronque nas tripas". É aconselhavel "não dar esmola ao Diabo nem fazer-lhe promessas", nem "comer o pão que êle amassou". "Quem anda em demanda com o diabo anda". Há pessoas afoitas que chegam a "vender a alma ao diabo"; e outras, para encontrarem coisas perdidas ou alcançarem a realização de um desejo costumam amarrar o rabo do diabo, dando um nó num barbante. Não nos devemos benzer à primeira badalada do sino, pois esta, diz o povo, é a do diabo.

MULA SEM CABEÇA

(Tijucas)

Acredita o nosso povo que as amásias ou concubinas de padres, quando morrem, transmutam-se (viram) em **mula-sem-cabeça**, isto é, neste animal desprovido dessa parte do corpo, mas podendo locomover-se facilmente e perseguir transeuntes fóra de horas. Conhece-se a mulher que é manceba de padre pelas faiscas de fogo que se lhe desprendem dos calcanhares, quando caminha à noite. O padre que tem amante, antes de subir ao altar para dizer a missa, excomunga as mulheres... Para se descobrir se determinada mulher é amante do

vigário, lança-se ao fogo um ovo enrolado em linha com o nome dela e reza-se por três vezes esta oração:

A mulher do padre
Não ouve missa,
Nem atrás dela
Há quem fique...
Como isso é verdade,
Assa o ovo
E a linha fica...

Se fôr verdade o ovo fica cozido e a linha sem ser queimada.

NOTA: — O termo **Mula**, antigamente, tinha o significado de “manceba”; e “cabeça” o de direção, chefia, senhorio... D’aí, **Mula-sem-cabeça**, a amázia que não era “teúda nem manteúda”.

BOITATÁ

Dizem que é a alma de caboclo e costuma aparecer nos sitios em que qualquer compadre costuma ter tratos carnais com uma das suas comadres. Não se lhe deve mostrar as unhas para não ser por êle perseguido. Para prendê-lo ou afugentá-lo deve-se dizer: — “Maria, vai buscar a corda do sino para prender o **boi-tatá**,”

A -- B -- C

A tarde que não te vejo
Não tenho consolação;
Vivo só pensando em ti
Prenda do meu coração.

Bem sei que não me amas,
Se me amas não parece,
Tu de mim tens esquecido
Eu de ti nunca m'esqueço.

Como hei de me esquecer
Se te amo com firmeza;
Eu de ti tenho alcançado
Falsidades por surpresa.

Desde o dia em que te vi
Meu coração te adorou;
Dentro de meu peito firme
Tua lembrança ficou.

† És a flôr que mais estimo,
Nunca me saes da lembrança,
Quero-te bem, na verdade,
Amor de minha esperança.

Foi juramento que fiz,
A jura eu hei de cumprir;
De te amar constantemente
E outro amor não possuir.

Glórias tenho no domingo
Quando vai chegando a tarde,
Quando me dirijo a te vêr
Para matar a saudade.

× Hei de me chamar ao ser
Para me dar um alívio;
Fazer sofrer como eu soffro
A flôr que me traz cativo.

× Imagina o grande amor
Que eu tenho no meu peito;
Soffro grande falsidade,
Ingrata, por teu respeito.

Julgo que és meu amor,
Trago-te em meu coração;
Tu talvez em teu sentido
Me ames por distração.

Ka no meu peito existe
Semente da flôr mais pura,
Do jardim onde habita
O mimo da formosura.

Lindos olhos que possues
Em tua fisionomia;
É o que mais me atrai,
Me faz pensar todo o dia.

Muitas flôres tenho visto,
Lindas tenho conquistado;
Tôdas elas eu desprezo,
Só tu és do meu agrado.

Não passa dia nem hora
De uma manhã ditosa,
Que não me tenha **alemrado**
Das tuas feições de rosa.

Oh! que prazer eu sentia,
Sentia em meu coração,
Se alcançasse as lêtras
Escritas por tua mão.

Por todo o lugar que ando
Nunca me saes do sentido;
Um lindo retrato teu
Sempre acompanha comigo.

Quero-te bem, na verdade,
Ó jóia mais preciosa;
És o tezouro infinito
Da minha alma saudosa.

Raio de sol que brilhava
Pela tua formosura;
Prazer a mim preferido
À minha pouca ventura.

Se é que tu não me amas,
Se tu não me tens amor,
Me diz p'ra que eu te despreze
Por enquanto vivo fôr.

Todos os dias meu peito
Triunfa à lei da razão,
Dos sofrimentos causados
Pela tua ingratição.

Um dia, pensando em ti,
Estava despercebido,
Me apareceu um anjo
Que só comparei contigo.

Vivo triste imaginando,
(Triste como um passarinho)
Julgando não têr a dita
De lucrar o teu carinho.

Xerando passo meus dias
Que me uzas falsidade;
Considera que eu te amo:
Tu não me tens amizade...

Y

Zela este A — B — C.
Como zelas meu coração;
Considera que eu te amo,
Não me uzes ingratição.

ADVINHAÇÕES

Que é, que é?
São três irmãs numa casa: Uma
vai e não torna; uma quer ir e
não póde; a outra fica até morrer.
A **fumaça**, a **labareda** e a **brasa**

Que é, que é?
Entra duro na panela e sai mó-
le a pingar?

O **Macarrão**

Que é, que é?
Entre taboas e taboetas
Está uma dama enfeitada;
Quer chova, quer faça sol
Sempre a dama está molhada.

A **Lingua**

Que é, que é?
Tem cabeça, mas não é bicho;
Tem dente sem ter bóca;
Tem barba, mas não é bode?...

O **Aiho**

Que é, que é?
Anda com os pés na cabeça?

O **Piolho**

PERGUNTAS

- Quantas botas trazes calça-
das?
— Três...
— Como assim?

— Trago bota e meia em cada pé...

*

— Quem é o pai do filho do Zebedu?

— O Zebedu.

*

— Qual a cor do cavalo branco de Napoleão?

— Branca.

*

Quatrocentos guardanapos
Com um vintem em cada ponta...
Você diz que sabe tanto,
Venha somar esta conta.

1.600 vintens = 32\$000

*

Que é, que é?

“Minha comadre pediu-me

Que eu lhe metesse;

Depois de meter ardeu,

Que culpa tive eu?

Colocar os Brincos

*

Tem pé e não anda,

Tem dente e não come,

Tem barba como Home...

*

O Alho.

Que é, que é?

— “Como vai, minha comadre,
com a sua redondeza?”

— “Como vai, o meu compadre,
com a sua pindureza?”

— “Venho pedir seu redondo
p’ra botar o meu comprido...”

— “Não lhe empresto meu redondo
por estar muito pelado...”

Quando estiver bem florido

Lhe mandarei um recado...”

(Pedido de um pasto para o cavalo).

Outra variante:

— “Comacre, minha comadre,
seu redondo me empreste,
p’ra botar o meu comprido
que de fome não reséste...”

*

— “Amigo, por má sorte minha,
meu redondo está pelado...
Vá pedir o da vizinha
Qu’está bem encabelado...”

*

— Irmão meu, do coração,
Faz favor de me contar:
Que é que se vê co’os olhos
E a mão não pôde pegar?

*

— É o Vento e mais a Lua,
É o Fogo e a Fumaça,
São as côres do Arco-Iris
É a Nuvem que no céu passa...”

*

— Que é, que é?

Vem do mato, corre a casa toda
e vai parar num canto?

A Vassoura.

*

— Que é, que é?

Sai de um canto da casa vai ao mato,
dá uns berros e volta?

A Espingarda.

*

— Que é, que é?

“Uma porta só

E duas janelas,

Se abriem e fecham

Sem ninguem tocar nelas?

A Bôca e os Olhos

*

— Que é, que é?

Vermelhinho em roda,

Roxinho por fóra,

Cabelinho em roda,

Pinguelinho dentro?...

A flôr do Maracujá.

Cantigas, rezas, benzeduras, quadrinhas, adágios, usos, costumes;
Gravuras, fotografias, objetos de arte popular;
Rendas, louças de barro, figuras, etc.... Tudo isto nos interessa.
Comunique-se com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, contribuindo para a organização do nosso Museu Folclórico.

Os Santos nas lendas marítimas catarinenses

OSWALDO R. CABRAL

Os povos da zona litorânea têm as suas lendas ligadas ao mar — ao mar que lhes enche os dias de alegria e de beleza e que às vezes os cobre de luto e de pezares, ao mar que lhes dá o sustento e que é o abrigo donde emergem os seres imaginários que lhes povoam os temores.

Também os Santos tem a sua ligação com o mar. São eles que, nos momentos de angústia, acodem os marinheiros e os pescadores, que ligam os seus nomes bemaventurados às coisas extraordinárias e inexplicáveis que por vezes sucedem...

Assim, ligados às lendas marítimas de Santa Catarina, através da narrativa dos seus milagres, que passam de geração em geração, estão o Senhor Bom Jesus dos Passos, de Florianópolis, Santo Antônio dos Anjos e Nossa Senhora dos Navegantes, dâ Laguna, e Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão.

O SENHOR DOS PASSOS

O Senhor dos Passos é uma imagem de tamanho natural, existente na Igreja do Menino Deus, em Florianópolis, representando Jesus sob o madeiro, numa das quedas a caminho do Calvário.

É uma imagem notável pela expressão de sofrimento e de fadiga, uma obra perfeita que, segundo a tradição, foi esculpida pelo baiano Chagas, o Cabra, que não deixou de si memória senão através que imagens que talhou com mão de mestre.

Conta ainda a tradição que não se destinava a imagem do Senhor dos Passos a Santa Catarina, sim ao Rio Grande. Em 1768, o barco que a transportava tocou no pôrto do Destêrro, seguindo, depois, para o do seu destino.

Entretanto, por três vezes viu-se obrigado a regressar, pois não conseguia transpôr a barra do Rio Grande. O mar tornava-se de tal modo tempestuoso e bravio que obrigava o barco a voltar. No pôrto do Destêrro, esperava que amainasse a tempestade, que o tempo melhorasse, que os ventos fossem favoráveis — e depois investia novamente. Mas, a cada investida, novo insucesso. As vagas voltavam a ficar ameaçadoras, os ventos tornavam-se contrários, a tempestade reerudescia.

Assim, por três vezes tentou — e por três vezes regressou, arribando ao Destêrro. Compreendeu, então, o comandante do barco que era vontade divina ficar a imagem do Senhor no Destêrro. Assim, desembarcou-a — e só depois que o fez conseguiu encontrar tempo favorável, ventos à feição e mar tranquilo para prosseguir a sua viagem.

Desde então habita o Senhor dos Passos a igreja do Menino Deus. O povo catarinense A venera e Lhe consagra a maior festa religiosa que se realiza anualmente em Florianópolis, no domingo da Paixão.

SANTO ANTÔNIO DOS ANJOS

Santo Antônio dos Anjos é o padroeiro de Laguna, fundada ao sul de Santa Catarina por Brito Peixoto. Conta a lenda que a imagem do padroeiro da vila foi milagrosamente achada numa das praias da mesma. Sabe-se que o povo iniciou a edificação de uma capela ao seu orago em 1696.

Aurélio Porto, historiador gaúcho, numa conferência realizada em Laguna, em junho de 1932, contou que "Brito Peixoto, devoto de Santo Antônio, o trazia no patacho naufragado. Tudo se havia perdido entre os escolhos da costa! Mas, ó milagre! A imagem do miraculoso taumaturgo aparece mais abaixo, cercada de anjos, estreitando nos braços Jesus, pequenino e sorrindo. Mas, por mais que se o enxugue das águas das cndas por que rolou, o Santo tem sempre os pés molhados, em que as gotas do mar se perolizam".

Não conseguimos achar onde teria o ilustre escritor riograndense colhido a lenda tal como a narrou. O que colhemos em Laguna difere da narrativa acima.

A barra da Laguna foi uma das mais perigosas à navegação, no sul do Brasil. Frequentemente a barra "engrossava", paralisando todo o tráfego marítimo: — nem se saía barra fóra, nem se penetrava no pôrto. Fóra, os barcos bordejavam ou se recolhiam ao pôrto mais próximo, à espera de que as suas condições melhorassem; dentro da barra, as embarcações também esperavam dias e dias — dez, quinze, vinte — que as águas se tornassem favoráveis.

Isto era freqüente até pouco tempo. Quem ia à Laguna, não sabia se lá entrava. E se entrava, não sabia quando de lá poderia sair...

Certa ocasião, aconteceu como sempre. O tempo tornou-se tempestuoso, as chuvas, contínuas, os ventos de leste, fortes, as águas, impetuosas — a barra impraticável. A vila, quando os dias começa-

ram a escoar-se sem melhoras no tempo, começou a passar sérias necessidades, pois começaram a faltar gêneros imprescindíveis que de fóra lhe iam. A angústia começou a penetrar em todos os corações. As préces começaram a ser feitas ao seu Santo padroeiro, afim de que o tempo melhorasse... e a barra também.

Durante o dia, subiam ao altar de Santo Antônio as préces devotas da população lagunense e à noite a gente da vila acudia as novenas propiciatórias, pedindo bom tempo.



Debalde. A tempestade continuava, dias e dias a fio... Certa noite, ao se despedirem os devotos, na porta da igreja, não alimentavam esperanças no coração. Nuvens grossas continuavam a correr pelo céu e o ronco do mar grosso ouvia-se perfeitamente, por entre o assovio do vento.

O dia seguinte, entretanto, amanheceu brilhante, ensolarado, céu velho à mostra, sem vento. Mandam vêr a barra. Incrível! Mansa

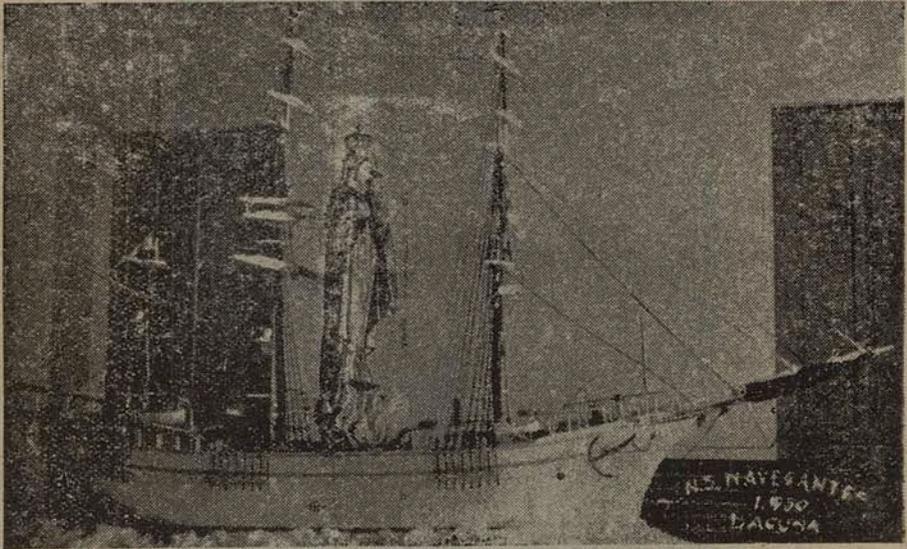
como nunca, o mar chão e tranquilo, as águas calmas, convidando à partida.

Aprestam-se os barcos imediatamente. Mas, os devotos acodem à igreja, que se abria para a missa, afim de agradecer ao Santo o milagre daquela madrugada.

As portas do tempo se abrem, o povo invade-o — mas, estaca: pègadas húmidas se avistam à porta. Seguem pelo meio da nave, entre os bancos. Sobem os degráus do presbitério... E, lá estavam elas, nítidas, frescas, molhadas ainda, sôbre a toalha branca do altar, perdendo-se no nicho de Santo Antônio dos Anjos...

Andara o Santo a amansar as águas do mar — e voltara ao seu altar, trazendo, ainda, dêtas, molhados os seus pés...

NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES



Nossa Senhora dos Navegantes é venerada em todos os recantos da costa catarinense. Inúmeros são os milagres que se contam. Em Laguna ha também devoção à Senhora Virgem dos Navegantes, fazendo-se periódicamente festas deslumbrantes em sua honra.

Uma das lendas colhidas foi a do hiate "Sertanejo" que, desaparecido havia mais de mês, em consequência de furiosa tempestade que assolou o golfo, dado como perdido, enlutadas já as famílias dos seus humildes tripulantes, certa tarde de calmaria, inteiramente desarvorado, sem um "pano" sequer, por intercessão da milagrosa Nossa Senhora dos Navegantes, entrou barra a dentro, contra a corrente, e foi encalhar na praia próxima, no interior da laguna.

Os tripulantes, esfomeados e sedentos, jaziam inermes nos seus catres, sem forças e quasi sem vida, o cão de bordo, amarrado, louco de fome e sede.

A volta milagrosa do "Sertanejo" foi saudada pelo júbilo de toda a população lagunense. Os sinos picaram festivamente, as músicas

sairam à rua, a cidade se engalanou — enquanto os tripulantes eram socorridos.

O fato é recente, dos nossos dias, recordando-se dele o Autor. A maioria da população de Laguna também não esqueceu o ocorrido e certamente haverá ainda membros da tripulação do barco salvo naquela cidade.

NOSSA SENHORA DA LAPA DO RIBEIRÃO

A atual vila do Ribeirão, situada na ponta sul da Ilha de Santa Catarina, nas proximidades do aeroporto em construção, foi fundada por Manoel de Vargas, açoriano vindo ha dois séculos como povoador, para Santa Catarina. A sua igreja é de 1806 e tem como padroeira Nossa Senhora da Lapa.

No localidade conta-se ainda a história do **hiate da promessa**.

Um hiate da Laguna, acochado pela tempestade, esteve a ponto de sossobrar. No desespero do momento, a sua tripulação implora à Virgem o seu socorro. O **mestre**, de joelhos, faz promessas. E a Virgem aparece e promete salvá-los.

O milagre se verifica, o barco arriba à baía sul de Santa Catarina e vai fundear. O mestre desarvorado em frente ao Ribeirão. Desce o mestre à terra, disposto a agradecer na primeira igreja em que entrasse, à Virgem, o seu milagroso auxílio. Sobraçando as velas prometidas no hora trágica da tormenta, dirige-se à igreja e reconhece num altar lateral, numa antiga imagem de Nossa Senhora da Lapa, que já havia sido substituída no altar mór, Aquela que lhe apparecera e fizera o milagre de salvar o seu barco e suas vidas. Deposita aos pés a sua oferta e no momento faz um outro voto: — o de, toda a vez que passasse com o seu barco, em frente da igreja, que tem a sua frente para o mar, haveria de queimar, em honra de Nossa Senhora da Lapa, uma girândola de foguetes.

E cumpriu rigorosamente o prometido.

Por muitos anos — mais de vinte — cada vez que defrontava a Igreja do Ribeirão, rumo ao mar alto ou dêle regressando, em homenagem à Virgem fazia subir aos céus os rojões que prometera.

As vezes, alta noite ou ao clarear da madrugada, acordavam os habitantes do Ribeirão com os estampidos das bombas.

— “É o hiate da promessa” — diziam, e descansavam em paz, que não havia motivo de sobresalto.

Era apenas o cumprimento de um voto, o resgate de uma obrigação contraída e que só deveria extinguir-se com a morte ou quando a velhice fizesse **ancorar**, definitivamente, em terra, o velho lobo do mar...

Mande contar V. também as lendas da sua terra! Ela deve possuí-las. Falta apenas quem as recolha e conte...

A Bernuncia

* * O Boletim Trimestral publica hoje três trabalhos sobre a curiosa "Bernuncia", figura das nossas danças do "Boi de Mamão".

São três artigos que se completam, devidos às penas dos presados companheiros Alvaro Tolentino de Sousa, Oswaldo Melo Filho e Orlando Ferreira de Melo.

Cremos que, com a publicação dos mesmos ficam os nossos folcloristas devidamente informados sobre o assunto e aptos a explicarem a curiosa figura que só aparece nos folguedos catarinenses.

N. da R.

A sua origem

Alvaro Tolentino de Sousa

Quando se realizaram as festas do Bi-centenário da Colonização Açoriana e Primeiro Congresso de História Catarinense, a Comissão Organizadora incluiu no programa das festas populares alguns números de danças folclóricas — "Boi-de-mamão", "Pau-de-fitas", "Jardineira", "Cupido" e "Bernúncia", números esses que ficaram a cargo do sr. João Chrisostomo de Paiva, velho folclorista barriga-verde.

A exibição dessas danças no Estádio da Fôrça Policial do Estado, foi um grande acontecimento, atraindo grande parte da população

da Capital e seus suburbios áquella praça de esportes; uns, para revêr a dança que tanto os alegrou na mocidade, outros, entretanto, atraídos pela curiosidade, pois não conheciam aqueles folguêdos que tanto tem divertido o povo de cem anos a esta parte.

E a BERNÚNCIA apresentou-se assim ao público com o seu ineditismo, público que pela sua curiosidade quasi impediu a dança do bicharôco, dança essa que foi honrada com a comparência das altas autoridades do Estado, militares de Terra, Mar e Ar, e da Fôrça Policial, representantes de diversas associações culturais da Capital, de diversos Estados da União e até de Portugal.

* * *

Os foliões do “Boi-de-mamão” ou “Bumba-meu-boi”, quer no sertão, quer na região praieira, saem com o seu rancho bem organizado a alegrar a alma do povo, que vibra ao ouvir de longe a alegre cantoria e zrada dos pandeiros, começando os folguêdos na noite de Natal e terminando na Terça-feira-gôrda.

A tradicional dança, que a princípio constava apenas do “Boi”, trazendo no seu hôjo o dançador e pendente das aspas fitas berrantes, o “Cavalinho”, com o seu ginête e a “Cabrinha”, foi mais tarde se avolumando com outros bichos nela introduzidos, tais como: o “Urso”, o “Macaco” e ultimamente o “Urubú”, que aparece na dança após a morte do “Boi”, farejando carnica. Pai Mateus, Doutor e Cantadores com os seus pandeiros vestidos a caráter, são figuras indispensáveis.

Há cinquenta anos passados, mais ou menos, nova invenção foi introduzida na dança — a “Maricota” — figura de mulher de estatura descomunal e de cabeça fora do normal, macrocéfala, enfim. As “Caiporas”, que vêm dos tempos de nossos avós, si bem que não fazem parte do rancho “bovino”, a êle se aliam.

Felizmente ainda não morreram na alma popular êstes folguêdos do “Boi-de-mamão”, que até hoje nada perdeu do seu sabor original.

* * *

No ano de 1923, Felipe Roque de Almeida, preto sem jáca, fâmulô que foi durante muitos anos do meu saudoso tio e amigo Joaquim Xavier de Oliveira Câmara, cosinheiro à época da Turma de Reconstrução da Linha Telegráfica, introduziu na dança do “Boi”, na cidade de S. José, a “Bernúncia”, novidade por êle trazida dos sertões de Itajaí, do Norte, enfim, como dizia o Felipe.

Diga-se de passagem que a “Bernúncia”, quando se exhibiu pela primeira vez naquella cidade, fez grande successo, pois todos queriam vê-la, embora causasse medo às crianças, moças e às velhas também. Assim a “Bernúncia” é hoje indispensavel na dança do “Boi”, pois sem ela, faltam graça e atracão.

Para os que não conhecem ainda a “Bernúncia”, direi apenas que depois da morte do “Boi”, e tornado após à vida com as benzeduras feitas pelo “Doutor”, com ramos de arruda e mangericão, entra em cena a “Bernúncia”. A princípio inofensiva, observando a assistência e marcando nessa a sua primeira preza, dessa se aproximando, abrindo a enorme bocarra de baleia, engulindo-a! A suposta vítima preza pelas enormes máxilas cetaceanas não tem escapadela, deixando-se engulir, para reaparecer em seguida pela trazeira do bicharôco! Esta

cena, entretanto, não ofusca o colorido da tradicional dança do “Boi”, ganhando, é verdade, mais animação e brilhantismo! E assim, sucessivas vezes.

* * *

Muita gente conta a seu talante o que é a “Bernúncia”, quando ela se exhibe na dança do “Boi”, mas ninguém sabe ainda a sua origem. Eu sei porque Felipe assim contou numa roda de amigos em S. José, da qual fazia eu parte, mostrando na ocasião um arcabouço da cabeça do “bicho”, adquirida em Luiz Alves, trabalho aliás feito com muita perfeição. O inventor do “bicho”, — ainda fala Felipe —, foi um trabalhador da Linha Telegráfica, natural de Itajaí, chamado Antônio, não me recordando agora seu sobrenome. Principiou Antônio (Felipe dizia Antônio) a fazer a armação de um focinho alongado de animal qualquer, boca de baleia, dentes aguçados como os de jacaré. Unida a parte inferior à superior, prendeu com arame os maxilares, dando assim o movimento natural. Descrevo-a tal qual vimos em suas mãos. Acabado o arcabouço, Antônio revestiu-o de pano preto, pintando-lhe uns olhos grandes como os de sapo-boi, narinas bem abertas e largas e num ritmo rouquênho fazia com que a queixada produzisse um ruído desagradável como o de porco do mato. Antes de expôr a sua invenção na dança do “Boi”, Antônio meteu-se dentro do arcabouço do feio animal de corpo alongado, medindo de dois e meio metros a três ditos, ocupando o seu arcabouço dois homens, indo em seguida fazer uma surpresa à sua velha tia Benvinda, que no momento, desocupada, sentada junto à janela de sua casa, fiava algodão em uma velha roca remanescente dos seus antepassados. Ao chegar à janela, abriu a queixada, escancarou a bocarra deixando a mostra a concavidade bucal do horrendo animal. A pobre velha colhida de surpresa, sarapantada, tremendo de medo, fazendo o sinal da cruz, gritou apavorada, nervosa: “ABERNUNCIO”!, corruptela da interjeição latina, — Abrenuntio —, ainda muito proferida por todos os recantos da nossa terra, por pessoas antigas, quando vêm e falam em assombrações e coisas tais. E dali saiu Antônio, contente, ufano a gritar e as gargalhadas que a sua velha tia Benvinda, dêra à sua invenção o nome de “BERNUNCIA”! E por “Bernúncia” ficou sendo conhecida até hoje e atravessará gerações sucessivas sem lhe tirarem mais o nome.

* * *

Eis aí muito de esforço a origem de tão engraçada invenção cuja primazia coube à terra do meu digno e respeitável amigo o professor doutor Henrique da Silva Fontes, a quem dedico estas pálidas notas.

* * *

Ao belo clarão da lua,
Vem surgindo uma “Bernúncia”,
Das matas de “Luiz Alves”,
Dirigindo-se pra Penha
Da ponta da Armação,
Dizendo: Viva! que viva!
Senhora dona Alegria,
Dona do meu coração.

* * *

“Bernúncia”! Bela invenção
Pros tempos do Carnaval!
Quem a “Bernúncia” inventou
Teve idéia genial!

Lá no sopé da montanha
Cantou triste sabiá.
Também canto minha mágua
Com saudade da Sinhá.

* * *

Olê, olê, olê,
Olê, olê, olá!
Arreda do caminho
Que a "Bernúncia" qué passá!

Arreda, Arreda,
Se não ela te come
Arreda do caminho,
Que a "Bernúncia" tá com fome!

Ácerca da Bernúncia

A Sub-Comissão Catarinense de Folclore receberá, de bom grado, qualquer contribuição que possa interessar ao seu museu especializado, ora em organização.

Coopere para a conservação das nossas mais belas tradições, prestigiando a organização dos autos populares do ciclo Natal de Reis.

Acêrca da Bernúncia

Oswaldo F. de Melo (filho)

Quando, no ano passado, tivemos o grato ensejo de receber um punhado de cartas que nos enviaram folcloristas de outros Estados, trazendo comentários à margem do nosso ligeiro ensaio sobre o "hoi de mamão", púdemos notar o interêsse largamente demonstrado pela bizarra figura da bernúncia.

Alguns expenderam comentários e formularam hipóteses; outros aconselharam uma pesquisa que localizasse a origem do mito. Neste campo da sociologia, porém, é muito difícil estabelecer a origem dos fenômenos. Raízes de costumes e superstições prednem-se às sombras da infra-história e só a medo levantamos uma ponta do véu.

Entretanto, como nos fosse assunto já um tanto achegado, pois já realizáramos pesquisas nesse sentido, resolvemos trazer mais alguma coisa, como subsídio, para o estudo dêsse interessante aspecto do folclore catarinense.

Para estudarmos a bernúncia, apresentam-se-nos dois problemas: A origem da figura e sua inclusão nas farândulas populares, e a origem do vocábulo.

Quanto ao primeiro caso, podemos adiantar que no folclore brasileiro, nunca se soube da existência dêsse "bicho que come crianças" dentre os mitos tradicionais. Na Geografia dos Mitos Brasileiros, de Câmara Cascudo, encontramos interessantes descrições do tutú, coca ou cuca, bruxas e outros que formam o "cielo da agnustia infantil". A descrição do cuca paulista, semelhante ao tutú de outros Estados, lembra, como nos diz Câmara Cascudo, o vago papão luso-brasil. E

nós identificamos a sua extrema semelhança com o bicho papão, de crença tão espalhada em Santa Catarina. Cita o autor do livro a que fazemos referência, a seguinte quadra portuguesa:

Vai-te papão, vai-te embora
de cima desse telhado,
deixa dormir o menino
um soninho descansado.

Aqui, em Florianópolis, as mães cantam para adormecer os filhos, assim:

Bicho papão
Sal de cima do telhado;
Deixa o menino
Dormir sossegado.

Chegamos, então, ao conhecimento de que esse mito, o mesmo em todo o Brasil, com suas variantes, também existe em nosso Estado. Há alguns anos atrás não eram poucos os que acreditavam na existência real do "bicho papão", e hoje em dia, embora, inconscientemente, é citado, mesmo nas cidades.

Por que então não admitir a possibilidade de ter o povo representado, materialmente, uma figura que já se formara no sub-consciente de gerações? A farândula do boi de mamão, com suas figuras grotescas e espalhafatosas, teria exercido forte atração e um belo dia seria incluída naquela estranha fauna de pano e massa, a bernúncia devoradora de crianças.

Lembramos aos leitores aquela citação, que transcrevemos em nosso ensaio sobre o auto do boi, e que ouvimos de uma septuagenária, numa das praias de Coqueiros (município de Florianópolis).

"Nós temos medo que dê uma (bernúncia) por aqui e venha ingulir as crianças na praia". Ora, o bicho papão também tem o mau hábito de devorar crianças...

Cumpre-nos registrar, aqui, que também é esta a opinião expendida pelo ilustre folclorista rio-grandense, Sr. Walter Spalding, que no *Jornal do Dia*, que se edita em Porto Alegre, assim escreveu: "... O Sr. Osvaldo F. de Melo descreve essa tradição do Boi de mamão com todas as suas figuras, dansas e cantos, inclusive a parte curiosa em que aparece a bernúncia (bernunça ou brenunca), animal fabuloso, reminiscência ou encarnação do lendário e portuguesíssimo bicho papão de que nos fala o senhor Carlos M. Santos, em *Trovas e Bailados da Ilha da Madeira*...".

Quanto ao vocábulo com que nomearam o novo figurante das festas do Ciclo de Natal, foi ele objeto de nossa cogitação, desde que nos interessámos pela coleta destes elementos. E, quando ouvimos de um informante, homem simples e de pouca cultura, que o termo vinha do batismo católico, não pudemos apanhar bem o sentido daquela afirmação, que a princípio nos parecera absurda. Conversando, porém, mais tarde, com os Srs. Osvaldo Cabral, Henrique Fontes e outros confrades da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, verificamos tratar-se de opinião geral, que o vocábulo bernúncia seja uma corruptela da expressão latina "abrenuntio", largamente usada e com que o batizado dizia renunciar ao diabo e a todas as mazelas.

Antes de concluirmos estas notas, fazemos observar, ainda, que a bernúncia parece ser completamente desconhecida no resto do Bra-

A Bernúncia

Orlando Ferreira de Melo

(Correspondente, em Blumenau, da Sub-Comissão Catarinense de Folclore)

Intrigava-me o assunto. Havia desenhado a "Bernúncia", estudado suas características pictóricas essenciais, ouvido os relatos que a gente simples do nosso litoral fizera sôbre o estranho "animal" mas, como tantos outros interessados, não atinara ainda com a origem do vocábulo. E quando naquela noite, já em Blumenau, longe das "bernúncias", dos "bois de mamão" e dos "ternos de reis" dirigia-me ao Teatro "Carlos Gomes" para, na qualidade de secretário desta Sociedade, assistir a uma solenidade de caráter cívico-escolar, não poderia imaginar que fosse ali encontrar o ponto de partida para uma resposta satisfatória ao problema linguístico. Terminada a sessão perambulava eu pelos corredores do majestoso Teatro quando avisto a figura simpática de Frei Odorico Durieux, que já exercera o cargo de diretor do "Colégio Santo Antônio", nesta cidade, e atual diretor do Ginásio Arquidiocesano de Lajes. Terminados os cumprimentos foi direto ao assunto: recebera a monografia sôbre o "Boi de Mamão", achara-a excelente (obrigado pela pequena parte que me toca — as ilustrações) e tinha uma explicação para a origem do vocábulo "bernúncia". Exultei. Mas Frei Odorico tinha pressa e depois de rápida esplanação despediu-se, deixando, entretanto, a promessa de escrever enviando dados mais preciosos. Ao cabo de alguns meses recebo a esperada carta. Não irei comentá-la, Transcreve-la-ei na íntegra para

gáudio dos entendidos na matéria e a Frei Odorico, mais uma vez, meus melhores agradecimentos.

"Há quanto tempo que — imprudentemente — lhe prometi dar, por escrito, minha suposição a respeito da origem da famosa "ber-núncia" Penso que deve provir de ABRENUNTIO verbo que ocorre no cerimonial do batismo e que, como tantos outros (Dominus vobiscum — Credo — Ego conjungo vos) foi cair no glossário popular.

1) Não será falta de interesse reproduzir o tópico: Feito o exorcismo e dado o sal simbólico da sabedoria ao batizando, é este introduzido no templo para a récita do Creio em Deus Padre. A seguir, o sacerdote o argúe sobre a pureza de suas intenções ao batizar-se e sobre seus conhecimentos da fé. Estabelece-se, então o seguinte diálogo entre o sacerdote e o padrinho que responde em vez do afillhado:

— Abrenuntias Sátane? — **Abrenuntio;**

— Et omnibus opéribus ejus? — **Abrenuntio;**

— Et omnibus pompis ejus? — **Abrenuntio;**

Em vernáculo: Renuncias a Santanás? — Renuncio; — E a todas as suas obras? — Renuncio; — E a todas as suas vaidades? — Renuncio.

Essas arguições, que hoje já se fazem também em português, eram feitas em latim, acarretando para os padrinhos a grande preocupação de sair-se bem do latinório.

2) O conteúdo das frases que requeriam como resposta o **Abrenuntio**, não — se conhecido. Daí ter ficado "abrenuntio" (pronuncia-se Ab-renúncio) ligado semânticamente a cousas misteriosas, das quais era preciso fugir, "renunciar".

Abrenuntio foi, assim, formar ao lado de "t'arrenego", "t'esconjuro" e quejandas expressões que — tôdas — intimidam ao **espírito do mal**.

3) Freneticamente houve estas acomodações: o "a" inicial, desamparado de consoante, frequentemente se perde ou — como no nosso caso — se converte em artigo. Casos análogos: (vestis) abbatina — a batina; apotheca — a bodega; acumer — a (posteriormente "O")gume, etc. Na 2ª sílaba "bre" deu-se a metatese que se observa nas palavras: semper — sempre; super — sobre; preciso — (popular) perciso, etc. Uma vez convertida a palavra em substantivo, o artigo "A" lhe define o gênero e lhe dá, por analogia, a terminação "a", comum aos femininos. A forma **bernúncia** seria ainda susceptível da variante: bernunça.

Em resumo, seria esta a exposição do meu pensamento a respeito.

Com estima e consideração,

fr. Odorico G. Durieux.

Interesse-se pelo nosso folclore. A Sub-Comissão Catarinense receberá a sua visita com agrado e a sua contribuição com desvanecimento.

Beneduras usadas em Tubarão

Neusa Nunes

Este não é senão uma pequena reprodução da alma simples dos tubaronenses que ainda conservam a pura ingenuidade dos povos de antanho, quando atribuem miraculoso poder às orações estranhas a que chamam "benzeduras".

Collidas não sem algumas relutância entre àquelas próprias pessoas, foram reproduzidas tal como as pronunciam, advindo daí algumas expressões ou palavras cujo sentido não nos é muito familiar ou mesmo ignorado. Assim é que entre as muitas que indubitavelmente escaparam à minha especulação, encontrei as seguintes fórmulas:

Para cobreiro

(Doença da pele que inicia por pequenas feridas que pouco a pouco vão se unindo, acreditando-se provocadas por aranhas, sapo, etc.)

Cobreiro bravo

eu te corto a cabeça e o rabo.

Cobreiro bravo há de secar,

cobreiro bravo há de sarar

Que caia de 9 em 9, que caia de 7 em 7, que caia de 6 em 6,

que caia de 5 em 5, que caia de 4 em 4, que caia de 3 em 3,

que caia de 2 em 2, que caia de 1 em 1.

Em nome de Deus e da Virgem Maria

este cobreiro não aumentaria.

2 Para cobreiro

Cobreiro eu te benzo e tu hás de sarar
com êste galhinho da Virgem Maria
pedindo que ela não deixe cruzar.
Cobreiro de aranha, de sapo te benzo
e a Virgem Maria te há de curar.

3 Para cobreiro

Santa Iria perguntou à Santa Iria
Cobreiro bravo com que se curaria.
Com ramo verde e água fria,
com o nome de Deus e da Virgem Maria,
só com isso se curaria.

Para íngua

A pessoa que tiver uma íngua poderá, no dizer do povo simples, curá-la simplesmente olhando para uma estrêla fixamente e repetindo três vezes em seguida: "Estrêla, a íngua diz que morra a estrêla e viva a íngua e eu digo que morra a íngua e viva a estrêla.

Para verruga

Além das fórmulas já publicadas, — encontrei ainda a seguinte: A pessoa que as tiver, deverá ferí-las um pouquinho e esfregar sobre elas uma pedrinha de sal, após o que, de costas voltadas para o fogão jogará a mesma sobre o fogo, correndo, a seguir, para não ouvir o estalo produzido pela mesma. Se escutá-lo, terá o dobro das verrugas anteriores.

Para a falta de vista

Santa Luzia maravilhosa,
que viveste em castidade,
és remédio copiosa,
dá-me vista e claridade.

Para quem se afoga (com espinha ou osso)

Homem manso, mulher brava, casa aguada, esteira velha, travesseiro de abade, que êsse engasgo que está na garganta, suba ou desça, em nome de Deus e da Virgem Maria e do Senhor São Braz.

Ainda para afogado

Dar três voltas com o prato em que a pessoa está comendo, ou então, virar um tição de fogo de modo a que a ponta queimada fique para fora.

Para animal bravo

São estas as palavras que Deus deixou para o animal bravo
A quem tem perna não alcançar,
a quem tem boca não morder,
a quem tem ouvido não ouvir,
em nome de Deus e da Virgem Maria,

Para espalhar a trovoada

Santo Antônio pequenino,
e seu caminho caminhou.
Encontrou Nosso Senhor.
— Aonde vais Antônio
— Vou ao rio Jordão
benzer a trovoada
pra que não caia nem um grão,
nem por cima de mortos,
nem por cima de cristão.

Para dor de dentes

Lua, luar de São Clemente
A vista para meus olhos, a saúde para meus dentes.

Para rendidura

A pessoa que vai benzer, toma de um pedaço de pano e uma
agulha com linha e costurando pergunta:

— Que coso ?

O doente responde:

— Carne quebrada e nervo torto.

— Isto mesmo coso

em nome de Deus e da Virgem Maria
e de São Virtuoso.

Se fôr carne rendida, torne a soldar.

Se fôr nervo torto, torne a ir a seu lugar.

(Isto será, na primeira vez repetido 9 vezes, na segunda 7 e na
terceira 5).

Para dor na mão

Levantei de madrugada
Para falar com Conceição.
Encontrei Nossa Senhora
com uma palminha na mão.
Pedi um galhinho
mas ela disse que não.
Tornei a pedir
Ela me deu um cordão.

Um cordão de cinco volta
ao redor do coração.
Santo Antônio. — São Tadeu
desamarre êsse cordão.
Meu apóstolo, meu irmão,
pegue-me pela mão
e leve-me a Belém ou uma fonte
onde o demônio não me encontre,
nem de noite, nem de dia.

Para a criança embruxada

(Magreza extrema e palidez)
Bruxa que bruxas são?
Freio na boca e rabicho na mão,
Não entre nesta casa nem nesta habitação.
Deixe esta criança em paz
que ela não lhe quer não.
É melhor que vá para as areias gordas
para a sua habitação

Para olhado

Fulano eu te benzo de olhado e de quebrante
Assim como tu és batizado,
quero que tenhas fé em Jesus crucificado.
Se fôr quebrante, olhado ou zipra
o que estiver no teu corpo encasado,
Nossa Senhora que tire
e bote nas ondas do mar sagrado,
onde não chegue gente
nem cristão batizado.
Fulano, eu, te benzo
com as três palavras da Santíssima Trindade.
Se fôr quebrante, olhado, inveja, feitiço ou malefício
o que estiver no teu corpo encasado,
Nossa Senhora que tire.
Em nome de Deus e da Virgem Maria
Deus te gerou, Deus te criou,
Deus que tire êsse mal que no teu corpo entrou.
Sangue te pôs no corpo como Jesus Cristo no Horto,
sangue te pôs na veia como Jesus Cristo na ceia,
sangue te pôs no lugar como Jesus Cristo no altar.
Em nome de Deus e da Virgem Maria
êsse teu mal nunca aumentaria
São José, São Joaquim, desate êsse cordão
Ou Nossa Senhora que te deu
o teu Divino Pão.

Ainda para olhado

Eu te benzo de olhado
olhos ruins, olhos invejosos
que olham para ti com maus olhos.
Eu te benzo para que êste olhado
Não entre no teu corpo.
Eu te mando olhado
para as ondas do mar sagrado,
onde não cante gado nem galinha
e onde não vá cristão batizado.
Eu te benzo com as três palavras da Santíssima Trindade.

Para soluço

Soluço Tiburço, soluço que vai, soluço que vem,
soluço que vá para quem não tem.

Para quem entra no mato
São Bento na água benta,
Jesus Cristo no altar.
O bicho que estiver no caminho
arrede que eu quero passar.

Para empigem

Empigem rabige
que quer rabijar,
com a cinza do borralho
te hei de curar.

Para a zipra

Muito usadas também são aqui as fórmulas já publicadas. Segue outra.

Zipra, zipelão
que dá na pele da pele,
dá no osso do osso,
dá no tutano do tutano,
cai no mar.
Pede a Deus Nosso Senhor
que esta zipra não te torne a dar.

Finalmente, a fórmula para as mocinhas faceiras.

Para crescer os cabelos

(Olhando a lua ao nascer, repetindo três vezes)
Lua nova lua cheia,
Faça crescer meu cabelo para baixo da cintura.

São estes, muitas vezes os únicos recursos empregados pelo povo humilde para sanar seus males. Mas, perguntamos nós, a que atribuir tamanha fé no que julgamos tamanhos absurdos? É que em seu coração verdadeiramente brasileiro ainda moram bem vivas a fé e a confiança, cujo atestado bem patente está na sua frase tantas vezes repetida "Quando Deus quer, água fria é remédio".

Crendices e Superstições

Silveira Júnior

Enquanto dou os retoques finais no glossário de "Termos e expressões regionais" que estou organizando, passarei às mãos do meu prezado amigo Dr. Osvaldo Cabral algumas crendices e superstições por mim registradas no lugar denominado Rio Branco, hoje pertencente ao recém-criado município de Guarimirim. Fiel às exigências de quem registra folclore, procurarei consignar com a maior fidelidade o que ouvi no contacto prolongado que tive com a gente que me forneceu as notas que se seguem:

RAIO

O raio é uma espécie de machadinha de pedra, arremessada do céu, durante as trovoadas. Acha-lo é muito fácil. Basta cavar sete palmos (influencia da profundidade das covas de defuntos?) ao redor do obstáculo sobre o qual cai o raio e certamente se encontrará a machadinha. Cheguei a ter nas mãos um "raio", que o "dono" dizia ter apanhado entre as raízes de um coqueiro, fendido durante uma tempestade. Pareceu-me um utensílio de índios, talvez um pouco menos trabalhado. Lembra vagamente uma machadinha de pedra, com o fio quebrado em toda a sua extensão.

DIAMANTE

Acredita-se que a natureza já fornece o diamante lapidado e que essa preciosa gema possui intensa luz própria. Se não fosse o

seu encantamento, qualquer pessoa podia achar um diamante, porque o lugar onde êle se encontra (em terra seca e não nos leitos dos rios) é assinalado por uma chama viva que, todavia, mantém sempre a mesma distância do observador, por mais que êste lhe vá ao encalço. Quando succede que o afortunado desencanta a pedra e põe-lhe a mão, ainda assim não pode se considerar dono dela, porque o diamante tem artes com o diabo e desaparece, se não tiver sido batizado. Em compensação, o batismo é muito fácil e pode ser feito por leigo: põe-se o diamante na boca tres vezes e se repete: "Diamante, eu te batizo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amem". Legítimo batismo cristão e na verdade não aceito por todas as pessoas interrogadas. Muitos velhos sabiam que o diamante precisa de ser batizado, mas ignoravam a maneira de fazê-lo. De que é indispensável po-lo tres vezes na boca, ninguém põe dúvida.

A crença geral de que a preciosa concentração de carbono possui luz própria é também assinalada em ingênuas histórias de príncipes e princesas encantadas, onde a iluminação profusa é fornecida por grandes diamantes.

A LENDA DO FRUTO DO XAXIM

Das muitas lendas que ouvi, uma das mais complicadas é sem dúvida a que passarei a expor: Entre a gente do campo, tocar sanfona é uma arte altamente invejada. Não são raras as histórias de tocadores que chegaram a fazer pactos com o diabo em troca de habilidade no teclado de uma acordeona e que depois de bailes memoráveis "estouraram", ficando no salão apenas o cheiro forte do enxofre.

Pois bem. Aprender a tocar gaita exige muita coragem, mas é coisa ligeira. Numa noite de vespera de São João o candidato a gaiteiro pega o instrumento e demanda matto a dentro somente parando "em lugar onde não se ouça o cantar do galo". Nessa altura o valente sertanejo procurará um pé de xaxim e se sentará de baixo do mesmo, aguardando pacientemente que chegue a meia noite. É nesta hora que succede o maravilhoso. No exato momento em que se anuncia o novo dia de São João, o pé de xaxim deixa cair sôbre o suplicante um fruto e com êste os dotes artisticos solicitados ao Batista. É questão de paciência e coragem...

CONTRA A FUMAÇA

As crianças lancam sorte afim-de ver para que lado vai a fumaça, dizendo êstes versinhos: "Espeto ferrugento, da capa do vento, de lá ou de cá, martim bufá". A cada palavra o que recita aponta alternadamente para sí e para cada um dos circunstantes. Assim, por exemplo: "Espeto", indica o seu próprio peito, "ferrugento", aponta para o outro, "da capa", novamente o dedo acusa o recitante, "do vento", mostra o parceiro. A fumaça irá para o lado daquele a que tocou a última palavra: "bufá".

Se o atingido for esperto, usará êste preventivo: "Fumaça prá lá, santinha prá cá"...

E fica nada feito.

CONTRA COBRA

Esta oração: "São Bento, cobra prá mim não tem dente. Água benta tá na pia, Jesus Cristo no altar. Cobra, abaixa a cabeça que eu quero passar".

Mas, supondo que, por esquecimento o roceiro não recite a oração milagrosa e o ofídio o ataque, então o remédio é mais difícil: consiste em apanhar a mesma cobra que provocou a picada, antes que o reptil entre nágua, tirar-lhe o figado e dá-lo, guisado, ao doente. É um porrete.

GAMBÁ GORDO — GAMBÁ MAGRO

O gambá é um prato saboroso que paga pesado tributo aos caçadores. É preciso, porém, ter em mente que a sua engorda, bem assim o seu emagrecimento, não se fazem por etapas. São fenômenos repentinos. Na noite de quarta feira de cinzas, o mal cheiroso marsupial passa por um ribeirão, em cuja água molha a cauda. Amanhece gordo. Também, na noite de São João o gambá molha novamente no mesmo ribeirão e... amanhece magro. De modo que não é aconselhável apanhar essa caça, senão no intervalo compreendido entre as duas citadas noites.

OVO GORO

O ovo goro (ovo não fecundado, retirado na ninhada no oitavo dia de incubação) não deve ser comido por jovem imberbe. Se o fizer, nunca mais lhe nascerá barba.

BENDITOS E MALDITOS

A corruira ou curreca foi abençoada por Nossa Senhora, porque, quando a Santa Família empreendeu a fuga para o Egito, foi essa minúscula ave que tomou à si a tarefa de apagar na areia as pegadas dos retirantes. Nunca ví uma criança por mais travessa, que tivesse coragem de abater com o seu bodoque uma corruira. Nossa Senhora castiga... Pelo contrário, o benteví é amaldiçoado, porque ao envez de auxiliar os santos foragidos, gritava do alto das árvores para os esbirros de Herodes: "bem te ví".

Maldito é também o linguado. Quando Santa Maria perguntou-lhe se a maré estava cheia, o peixe, em lugar de responder, fez uma cara de deboche (a mesma que tem hoje) e repetiu a pergunta ao envez de dar-lhe solução: "linguado, a maré tá cheia?" Foi a conta. Nunca mais se endireitou...

A mula não sofre a dor do parto como recompensa por ter servido de montaria à Virgem e ao Menino.

SINAL DOS TEMPOS

Sete anos antes de acabar o mundo não nascerão mais crianças nem os galos cantarão. Enquanto esses dois fenômenos continuarem correndo, pode-se garantir que o mundo terá ainda, pelo menos, sete anos de existência. Não nascerão crianças nesse período, porque Deus Nosso Senhor não deseja julgar inocentes no Juízo Final.

Quanto ao cantar do galo... Bem. Isso já é outra história...

Boi de Mamão

São Francisco do Sul — Santa Catarina

Maria de Lourdes Henriques

Colaboradora do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade"

Transcrição autorizada do "Correio Paulistano"
— "Correio Folclórico" — 5 de março de 1950.

Época — do Natal ao Carnaval.

Personagens — o boi, — que vem sempre à frente, — e outros bichos, tais como: bernuncia, cavalo-marinho, urso, veado, carneiro, onça, tigre, corvo, cachorrinho, sapo, vaqueiro, Mateus, Doutor, etc.

Instrumentos — tamborim, pandeiro, gaita (sanfona), tambor e violão.

Circunstâncias — desfile e dança na frente da casa em que vão fazer a visita. O boi dança em primeiro lugar. Antes, porém, eles fazem a "chegança", cantando:

Eu sou a que le boi alinho, q'ernas - ci re mãe de mi - o, des - de o dia q'ernas - ci vi - va passen - do tra - ba - lho. Três

a - nos fui fer - nei - ro qua - tro a - nos fui ger - ro - le na - j - da - de de se - de - a - nos co - nhe - ci a - dae do mor - te.

Eu sou aquele boizinho
Que nasci no mês de maio,
Desde o dia em que nasci
Vivo passando trabalho.

Três anos fui terneiro,
Quatro anos fui garote,
Na idade de sete anos
Copheci a dôr da morte.

O moço que me adomava
Era um mulato pimpão,
Me dava com o pé da vara
Me chuchava com o ferrão.

Me dava com o pé da vara
Me chuchava com o ferrão
Eu lhe dei uma chifrada
Certeira no coração.

Meu amo disse logo,
Vou mandar meu boi pro corte,
No meu carro não trabalha
Boi que já fez uma morte.

Olhei pro alto da serra
Enxerguei dois cavaleiros,
Com o laço na garupa
E dois cachorros perdigueiros.



Adeus campina da serra
Distrito de Corumbá,
Os olhos que me vêm hoje
Amanhã não me verá.

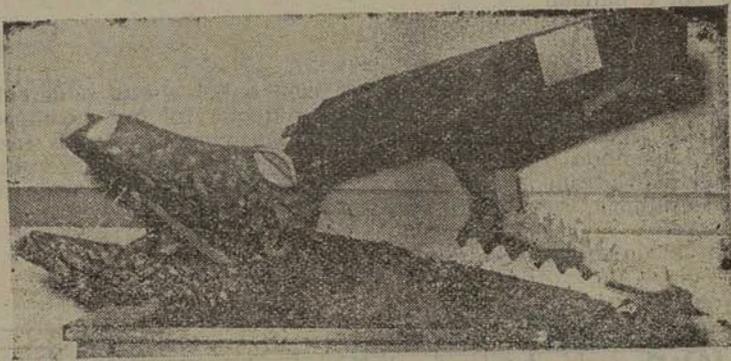
Quando entrei na mangueira
Procurei enxergar saída,
Mas o único remédio
Era entregar a própria vida.

Quando me botaram o laço
Me puxaram pro argolão,
Quando me botaram a faca
Ai, que dôr no coração.

Botel meu joelho em terra
Prá ver meu sangue correr,
O malvado do carnicheiro
Ainda parava prá beber.

Prometi uma promessa
Prá quem meu couro tirar,
O mundo dá muita volta,
Sem camisa há de fiçar.

Depois de cantados êsses versos, os dançadores dirigem-se ao dono da casa:

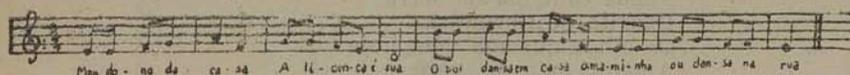


O SAPO

Meu dono da casa
Eu cheguei agora,
De bandeira verde, ó maninho
De Nossa Senhora.

Meu dono da casa
A licença é sua,
O boi dança em casa, ó maninho,
Oû dança na rua.

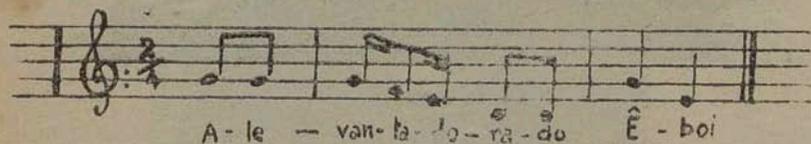
Aí o boi dança, enquanto o Vaqueiro o atinge com a vara de fer-
rão. O boi investe e o Vaqueiro defende-se. Canta o Mestre:



Alevanta dorado	—	Côro:	É boi ou relen do sol
Alevanta de roda		"	"
O meu boi tangará		"	"
Toma conta do vaqueiro		"	"
Este boi é ligeiro		"	"
É bom prá pular		"	"
Cuidado vaqueiro		"	"
Que êle vai te machucar		"	"
O meu boi brinca bem		"	"
Não machuca ninguém		"	"
Eu comprei o meu boi		"	"
Mas comprei enganado		"	"
Mas pensei que era manso		"	"
Mas fui ver era brabo		"	"
Cuidado vaqueiro		"	"
Que o boi é danado		"	"
Chamas o Mateus		"	"
É prá cuidar o teu lado		"	"
Cadê o Mateus		"	"
Aonde foi que ficou		"	"
O boi é danado		"	"
E o vaqueiro cansou		"	"

Entra a seguir o Mateus. Brinca com o boi e êste o derruba. Vem o Doutor e pergunta ao Vaqueiro o que foi que aconteceu. Este aponta-lhe o Mateus deitado. O Doutor cura-o e depois faz a cobrança, pedindo dinheiro ao dono da casa em que realizaram a brincadeira. Entram aí dansando os outros personagens: cavalo marinho, bernuncia, a cabra e o cervo, a onça e o tigre.

Ao cavalo marinho cantam:



Meu cavalo marinho	—	Côro:	O relen do sol
Chegou prá laçar		"	"
Tu laças este boi		"	"
Arretira prá fora		"	"
Cuidado cavalo		"	"
Tu laças este boi		"	"
Que a roça está chegando		"	"
Nos vamos se arretirar		"	"
Já chegou a hora		"	"
Podemos descaçar		"	"

Entra o urso:

Que dê o meu urso	—	Côro:	É urso, é urso
Que venha pro salão		"	"
Fazer sua obrigação		"	"
Venha cumprimentar		"	"
A dona da casa		"	"
Que é um belo cidadão		"	"

Entra a bernuncia:

Que dê ela aonde está	—	Côro:	bernuncia
Manda ela prá cá		"	"
Que venha brincar		"	"
A bernuncia é danada		"	"
A bernuncia engole gente		"	"
E é boa prá pular		"	"
Arretira bernuncia		"	"
Arretira prá fora		"	"
Que nós temos que ir embora		"	"

Entram a cabra e o cervo:

Ó minha cabra	—	Côro:	Aí vem do mar
Meu bicho cervo			Vem do mar
Tão bonitinho		"	"
Vem prá saltar		"	"
Estou te chamando		"	"
Venha depressa		"	"
Que as horas estão se passando		"	"
Arretira cabrinha		"	"
Que nós temos que ir andando		"	"

Entram a onça e o tigre:

Quero ver minha onça	—	Côro:	É onça, é onça
Quero ver aonde está		"	"
Tu venhas brincar		"	"
A onça é danada		"	"
E é boa prá pular		"	"
Quero ver o meu tigre		"	"
Venha vindo prá cá	—	Côro:	É tigre, é tigre
Vêm os dois agarrados		"	"
Vêm prontos prá brincar		"	"
Arretira minha onça		"	"
E o tigre também		"	"
Arretira prá fora		"	"
Que a hora está chegando		"	"

Depois de dansarem todos os bichos, saem cantando:

Ai dá licença cidadão... etc.

Folclore e a Escola

(RESULTADO DE UMA PESQUIZA)

Padre Alvino Bertholdo Braun, (Colégio Catarinense)

O Dr. Nóbrega da Cunha fez-nos bela preleção sôbre o Folclore e a escola. Procurei transferir para o plano da realidade as sábias insinuações do mestre. Boa ocasião apresentou-se no dia em que tive de substituir o professor de português do terceiro ano ginasial.

Foi fácil a tarefa. Tomei do N. 3 da Revista de Folclore, li um artigo sôbre regionalismos, outro sôbre inquérito demológico e mandei que a turma escrevesse. Todos, menos um, que ficou a ver moscas, escreveram. Era mesmo belo observar-se como estavam pensando, para ver se sacavam do sub-consciente algum termo... algum ver-sinho... alguma expressão!

Selecionei o material, 50 páginas (!) escritas por rapazes de 13 a 16 anos.

Segue o que achei aproveitável:

a) — Conhece algum benzedor ou benzedeira?

Escreve um: (Laguna) — Conheço uma velha, bem velha, com o nome de Dona Infância (!); ela benze, e, um dia fui curioso na casa dela, e, por uma fresta espiei e ela estava benzendo e dizendo assim:

Pedro e Paulo vão passar
Pedro e Paulo vão curar!

Escreve outro: (Fpolis.) — Perto de minha casa mora um benzedor de cobreiro e zipras. Ele benze as pessoas duas vezes ao dia.

Acredita que com uma ou duas semanas de benzeduras consecutivas à pessoa vítima, êle pode curar-se... O modo de benzer é o seguinte: — Primeiro ela pega uma pena de galinha e um pouco de azeite doce numa xicara ou pires. Molha a pena da galinha no azeite doce e em primeiro lugar faz uma cruz no lugar onde a pessoa tem cobreiro ou zipra, etc. Depois ela vai esfregando o azeite doce em todo o cobreiro e vai rezando, sendo que as rezas eu não entendo bem...

b) — Conhecem-se benzeduras contra **azia**; **ínguas**; **cobreiros** etc.

a) — **Azia**: (Laguna),

Azia azeda
VÍ um burro
Sentado numa pedra
Azia azeda
Tudo que eu ví
Está debaixo da pedra.

b) — **íngua** (Fpolis.) — Põe-se a mão sôbre a íngua e diz-se três vezes:

Estrela! A íngua diz que morra a estrela e viva a íngua
Mas eu digo que morra a íngua e viva a estrela!

c) — **Cobreiro**:

Te corto, cobreiro brabo
Te corto a cabeça e deixo o rabo

d) — **Contra dôr de cabeça**: (de uma benzedora!)

Se fôr dôr de cabeça da quentura do sol, ferva.
Se não fôr, não ferva.

e) — **Contra soluço**:

Soluço vai, soluço vem,
Soluço vai, para quem não tem!

f) — **Contra berruga**: (Gaspar)

Se diz na Lua nova:

Deus te salve, Lua nova
Que eu te estou vendo agora,
Na outra lua que vem,
As berrugas vão embora!

g) — **Para pegar vagalume**: (Fpolis.)

Vagalume, cai, cai!
Que teu pai já vai!
Numa mula petiça
Vendendo linguíça
Teu pai caiu,
Tua mãe não viu

h) — **Para fazer parar a chuva?** (Crescuma)

Chuva cai, chuva vem
Chuva miuda não mata ninguém.
Chuva cai chuva vem
Chuva miuda não mata ninguém!

i) — **Para afastar fumaça.**

Fumaça p'ra lá,
São João p'ra cá.
Fumaça p'ra lá,
São João p'ra cá!

j) — **Contra trevoada, quando muito forte:**

Uns invocam Santa Bárbara, outros ainda dizem:

Santa Bárbara levantou-se,
Ao pé direito calçou-se.
No caminho encontrou
São Pedro que perguntou:
Bárbara, onde vais?
Vou ao céu, acalmar trovões,
Que fortes estão.

k) — **Contra cisco na vista: Vários versinhos diferentes.**

1. — Santa Luzia

Passou por aqui
Com seu cavaliño
Comendo capim,
E o cisco saiu.

2. — Rio Grande do Sul, cantando com massagens na vista.

Santa Luzia
Passou por aqui
Com seu cavaliño
Comendo capim.
Dei-lhe pão,
Disse que não.
Dei-lhe vinho
Disse que sim!

3. — Laguna:

Santa Luzia
Passou por aqui
Com seu cavaliño no colo
Comendo capim.
Perguntei, se ela queria
Um pedacinho de pão,
Ela disse que não.
Perguntei, se ela queria
Um pouco de água,
Ela disse que sim.

4. — Santa Luzia

Passando por aqui,
Com teu cargueirinho,
Leve êste cisco
Do meu olho! (olhinho?)

l) — Quando se arranca um dente estragado, usa-se jogá-lo no telhado e dizer:

São João, pega êste podre, me dá outro são!

m) — Para uma vaca dar mais leite:

Põe-se uma toalha de mesa sôbre o animal (vaca) e reza-se um Padre Nosso.

n) — Contra nervo torto e carne quebrada. (Biguaçu e P. Alegre)

A benzedora toma um pano velho e começa a costurar sôbre o nervo torto ou carne quebrada e pergunta:

Que é que coso? (Que é que costuro? R. S.)

O doente deve responder:

Carne quebrada e nervo torto (...nervo rendido R. S.)

Depois a benzedora reza um Padre Nosso. Repete-se três vezes.

As outras orações da benzedora não foram compreendidas pelo paciente!

A segunda parte do inquérito consta de palavras, termos, frases, versinhos.

Seguirão no próximo número dêste Boletim.

Termos e expressões regionais

(continuação)

EUCLIDES JOSÉ FELIPE

(Curitibanos)

ARREBAQUADO — cansado, entorpecido.

ACAMPAR-SE A — (fig.) por-se a fazer isso ou aquilo.

ACUIERAR — atar um ao outro, pelo pescoço, dois cães ou quaisquer outros animais, para conservá-los juntos. Diz-se de dois amigos inseparáveis ou de um casal que se junta ilegalmente, que estão **ACUIERADOS**, ou que estão formando uma **CUIÉRA**. Também **CUIÉRA DE CÃES**.

APIALAR — laçar os quadrúpedes pelas mãos, em plena corrida.

ARIGÓ — alcunha que se dá aos operários de construção de estradas.

ARCATE — osso ilíaco.

ARCAIDE — pessoa sem valor moral.

ALOITO — luta corporal.

ABARROAR — ladrar.

ARAMAR UM LAÇO — fazer com que outro caia em contradição ou revele irrefletidamente qualquer segredo.

BURCAO — nuvens escuras, prestes a se condensar. (fig) negro.

BATUIRRA — anão.

BASCUIAR — remexer, procurar.

COMIGO É ASSIM; COM OS MEUS IRMÃOS, NÃO SEI!... — cumprir a risca quaisquer compromissos assumidos, sem dar satisfação de seus atos; levar a efeito as ameaças.

CARA AMARRADA — tristeza, aborrecimento, etc.

CURRO — repreensão áspera, correr atrás de alguém, a fim de dar-lhe uma lição. (dar um CUR-dar-lhe uma lição. (dar um CUR-CORRIDÃO — idem.

CURRUMAÇA DE PAU — surra.

CAFÉ ESCOTEIRO — café sem mistura.

CAMBADA — (fig) reunião de vadios e desordeiros.

CUÉRA — valente, destemido.

CARA — da família das gramíneas, parecido com taquara. Suas folhas rivalizam com a melhor alfafa, como forragem verde. Nasce no planalto.

CARRAPATO ou SARTA-BALA — espécie de madeira muito rija.

CAMBUIM — outra espécie de madeira muito rija.

CEBOLA — (fig) relógio de qualidade inferior.

CASA DO TERÇO — igreja modesta.

CIRIGOLA — pequena argola.

DAR NO TAO — acertar.

DURMIR DE PÉ ESPALHADO — dormir sem preocupações.

DURMIR NA PONTARIA — (fig) mira.

ESCÓTERO ou ESCOTERITO — viajar só à cavalo.

ESCARCÉO — rixa, barulho, disputa entre bêbados.

ENTREVERO — aglomeração.

ENTRISTECER NA PONTARIA DA CHUMBEIRA — (fig) mirar.

ENTRAR NO CAMBOIM — levar uma surra.

ESTUMAR — açular os cães.

ESCREVEU E NÃO LEU. O PAU COMEU! — ameaça pela qual põem de sôbre-aviso, as pessoas que porventura não cumpram compromissos assumidos.

FERVO ou PREVO — briga de várias pessoas.

FUCHICO — intrigas.

FEIJÃO GUARUMBÊ — espécie de feijão silvestre, que produz espontaneamente em terras férteis. Resiste à geada. O grão tem

três vezes o tamanho do feijão comum e é aproveitado na alimentação humana, em ocasião de grande escassez. Não é muito comum, porque os veados o destroem, comendo suas folhas, quando ainda tenras.

GAFEIRA — doença da pele dos animais.

GUAPECA — cãozinho.

GINJO — fôrma para prensar queijos.

GRIMPAS — folhas de pinheiros.

HORA DO PÉGA PRA CAPÁ — (fig.) "Hora do aperto".

INFERNAR — encomodar, amolar, aborrecer, etc.

JUNÇÃO ou JUNTAMENTO — reunião de gente.

JOGAR UM VERDE, PARA COLHER UM MADURO — fazer com que outro caia em contradição ou revele irrefletidamente qualquer segredo.

JASMIM — excremento de cães, que os caboclos acreditam ser remédio infalível contra a coqueluche.

LOMBERO — preguiçoso.

LOMEIRA — preguiça.

LOMO QUENTE — protegido.

LUTA — labuta.

LANÇANTE — declive.

MALÓCA — (fig) reunião de vadios e desordeiros.

MATA — cicatriz.

MANOTACO — murro.

MUNHECAÇO — idem.

MATUNGO — cavalo de má qualidade. (fig.) pessoa de pouco valor.

MADRINHA ou ÉGUA MADRINHA — égua que serve de guia às tropas de cargueiro.

MADRINHEIRO — rapaz que cavalga a égua madrinha.

MANDURUVÁ — espécie de lagosta que tem o corpo coberto de pêlos.

MAI DADE — secreção de úlceras. Pús.

MATA-BAIANO — vento que sopra dos Andes, durante o inverno; prenuncia as nevasdas. Foi assim denominado, porque dizimou

as tropas nortistas, que combatiam na revolução dos Maragatos e Pica-Paus, que sucumbiam ao rigor do nosso clima.

MAËGA — capim alto. (Da família das gramíneas).

METER O CABOIM — dar uma surra.

MICUIM — espécie de carrapato microscópico que produz comichão horrível.

MUNHECA — pulso.

MINUANO — o mesmo que MATA-BAIANO; vento que sopra dos Andes.

MONÇÃO — reunião de gente.

METER-SE — (fig.) por-se a fazer isso ou aquilo.

NÃO ESTAR SOMANDO — indiferença.

PELUDOS — alcunha pejorativa com que eram **brindadas** todas as pessoas que não compartilhavam da ideologia dos jagunços.

PELADOS — Os jagunços, assim apelidados, porque eram obrigados a rapar, com navalha, barba e cabelos, por ordem do PAIVÉIO. Não se sabe ao certo se esta lei foi ditada com idéias de profilaxia ou orientada por algum mito ou crença.

PESADA — grávida.

PUTINGA — espécie de capim selvagem (PUTINGAL).

PREGAR-SE — (fig.) por-se a fazer isso ou aquilo.

PIALO — ato de pialar (fig). Pegar alguém de surpresa.

PASSAR UM PIALO — fazer com que outro caia em contradição ou revele irrefletidamente qualquer segredo.

PERÉVA — doença da pele dos animais.

QUADRILHA — reunião de equinos.

RABUGE — doença da pele dos animais.

RODAR — cair.

RUSCA — briga de cães ou de pessoas de infimo valor.

SORORÓCA — agonia.

SAPECA — meretriz.

TRUQUE — logro, escamoteação. Espécie de jogo de cartas, muito usado no interior. Conta-se que um caboclo chamado LUDIVINHO, saiu pelos arredores, pedindo esmolas para o "DIVINO", de quem o povo é muito devoto. Ao faltar-lhe, porém, dinheiro para as suas despesas, não querendo lançar mão "ilegalmente" dos proventos de sua missão, propoz-se a jogar um "truque" com o DIVINO ESPÍRITO SANTO. Dispoz as cartas e iniciou as apostas. Terminado o jogo, comentava malévola-mente: "O Divino hoje tá com póca sorte!"

TRAMISTA — mascate ou negociador de bugiangas.

TENTO — tira de couro.

TOMAR TENTO — precaver-se.

TENTEAR — poupar, soltar aos poucos, etc.

TRES-PÉ — treino de animal de corrida em meia velocidade. (fig) repreender com aspereza. Equivale à CURRO. Dar um três-pé em alguém.

TAPERA — casa velha, abandonada.

TOPERAVA — herva rasteira que denuncia terra fértil. Diz-se que TEM TOPERAVA, à um negócio que promete ótimas vantagens.

VIVOCA — valeta profunda, causa pela erosão.

VAQUEANO — guia ou conhecedor dos terrenos da adjacências.

Alguns comentários ao vocabulário catarinense

Herminio Milis

O nosso confrade Herminio Milis, de Porto União, fez ao Vocabulário Catarinense, de Demóstenes Veiga, publicado em nosso n. 2, os comentários abaixo, que publicamos com grande satisfação.

N. da R.

ANDAÇO — Será êste vocábulo “regionalismo” de Santa Catarina? Creio que não, porque com a mesma acepção apresentada no “Vocabulário”, está êle a figurar nos três melhores Dicionários da Língua Portuguesa: Moraes, Aulete, e Figueiredo, abonando-o êste último com o seguinte passo de Camilo Castelo Branco: — “Se acontece grassar uma febre, descuram de averiguar os sintomas do andaço”. (*Coração, Cabeça e Estômago*, 169). Além disso, andaço, como termo luso, é conhecido

e usado tanto no sul, como no Norte do território pátrio, consoante tenho escutado a pessoas de ambas essas regiões.

CANGUEIRO — Vem êste vocábulo averbado no Dicionário de Sinónimos e Antónimos” do Professor Francisco Fernandes, com os mesmos significados, que, como **Brasileirismo**, lhe dão Aulete e Figueiredo. Entretanto, é certo que, na capital catarinense, “cangueiro” exprime não só “carregador”, tal qual se vê no “Vocabulário”, senão também “sujo”, “an-

drajoso”, “desmazelado”: — “Pareces um **cangueiro**” — era frase comum na boca das minhas tias, quando me viam elas, ainda piá, emporcalhado do barro vermelho, com que eu ajudava a garotada, vizinha do “Morro do Curral do Conselho”, ou do Teatro Alvaro de Carvalho, na manipulação das pelotas para os nossos inesquecíveis “bodoques”. Na linguagem literária, não conheço exemplo do emprêgo dessa palavra a significar “carregador” (**homem do ganho**), nem “desasseado”. Entretanto, a uma senhora, descendente de tradicional família do Sul do Paraná e educada em Curitiba, ouvi eu, há pouco tempo, o vocábulo “cangueiro”, exatamente com o sentido de “carregador”, donde me parecer que também tal vocábulo, na acepção aqui tratada, não é regionalismo catarinense.

DESARRISCAR — Pertence êste vocábulo à Língua comum; e, com o mesmo sentido arrolado no “Vocabulário”, está êle averbado por Aulete e Figueiredo.

DESINFELIZ — É igualmente comum à linguagem popular da quem e dalém mar o termo “desinfeliz”, por “infeliz”. (V. Aulete). Repetindo a definição que se encontra no Dicionário Contemporâneo, oferece-nos Cândido de Figueiredo êste passo, coihido em Aquilino Ribeiro: — “anda aqui tracado Mafarrico para perder um desinfeliz”. (Via Sinuosa, 162).

DESTROCAR — Cá está mais um vocábulo de uso comum entre Portugueses e Brasileiros. Registrou-o Moraes e Figueiredo, lendo-se, neste último, isto: “Desmanchar a troca. O mesmo que **trocar**”.

EM RIBA — É tão vulgar esta locução, fora da terra barriga-verde, que, mesmo a gente alfabetizada de vários lugares do País, pouco usa a sua irmã — **em cima** — o mesmo sucedendo com “p”ru riba” (por cima), “p’ra riba” (para cima), etc.

FAMÍLIA — (“Famílias”, cata-

logado no “Vocabulário”) — Com o sentido de **filho**, nunca ouvi empregado em Florianópolis, nem no Sul do Estado, a palavra “família”. Cá, no extremo Norte, sim, é comuníssimo o uso: “A. é carregado de **família**”. “B. tem só um casal de **família**”. “C. não tem nenhuma **família**”, ou mesmo, **famfia**. O vocábulo vem registado em Aulete: “carrega-se de família, encher-se de filhos”. E, em Figueiredo, como **Brasileirismo**: “Filho ou filha; tenho quatro famílias”.

INHAPA — Com a indicação de **Brasileirismo do Sul**, vê-se êste vocábulo recolhido, tanto em Aulete, quanto em Figueiredo, o que afasta a idéia de ser êle tão somente usado entre nós Catarinenses. Ademais, “inhapa” (como **Brasileirismo** na acepção muito bem esclarecida em nota da illustrada Redacção do BOLETIM ao “Vocabulário”) tenho eu escutado a muita gente, cá por estas bandas do Iguacú.

JUNTAR — É realmente comum, no falar do Povo Iihéu, o emprêgo do verbo “juntar”, no sentido de “apanhar” (**erguer, levantar, suspender**) alguma cousa: — “Os guris, que por ali apareciam, **juntaram** todas as frutas que estavam caidas no chão”. Como **Brasileirismo**, registou-o Cândido de Figueiredo, dando-lhe o sentido de “firmar as pernas para dar um salto” (em verdade, também conhecido dos Catarinenses, como termo da gíria: “Pufe! no bruto e **juntei-lhe em cheio**”). Aquí no Planalto de Canoinhas, ainda não ouvi o termo na acepção objeto dêste despretensioso reparo, pois o uso, por cá, está no verbo “erguer”. Destarte, é possível que tenhamos realmente aí uma voz peculiar aos habitantes da Ilha de Dias Velho.

MONDONGO — Já no velho Moraes se vê registado êste vocábulo com o sentido de “miudos de rez ou porco — Debulho das tripas”, portanto, lusitanismo certo. Como **Brasileirismo do Pará**, vem o ter-

mo consignado em Aulete, com este significado: "Terreno baixo, paludoso, e coberto em geral de plantas palustres". Cândido de Figueiredo, depois de dar ao vocábulo o significado de "intestinos miudos de alguns animais", acrescenta: "Pessoa suja e desmazelada. Trapo, farapo: "Ela própria se propôs vesti-la, mandando-a primeiro largar os mondongos". (Aquilino Ribeiro, **Filhas de Babilônia**, 226). **Bras. do Pará.** Terreno baixo, cheio de atoleiros e coberto geralmente de plantas palustres: "as superfícies dos mondongos empantanados, apagando-se no nivelamento das águas". (Eucl. da Cunha, **À Margem da História**, 15"). A respeito deste "Brasileirismo do Pará", escreveu Raimundo Morais ser êle (**mondongo**) conhecido apenas na ilha de Marajó, "e isso mesmo num quadrante — o de noroeste". (**Aluvião** 174). Pelo exposto, parece-me ser o **mondongo** do "Vocabulário" mais um suposto regionalismo nosso, isto é, da Ilha ou do Litoral catarinenses.

PARECIDO — Não será o sentido deste termo, apresentado no "Vocabulário", semelhante aquele que Morais e Aulete nos oferecem?

PINANTE — Lê-se no "Vocabulário": "Soldado de Polícia", o que se me afigura linguagem da gíria, posto que o termo seja luso, consoante o vemos registado em Figueiredo.

PINCHAR — Verbo, registado por Morais: — "o cavaleiro encontrando com outro lhe meteu a lança, e o pinchou da sela pelas ancas fora..."; também por Aulete: — "...impelir fazendo dar salto, empurrar, derribar", e por Figueiredo: "O caboclo pinchou uma

cusparada". (Coelho Neto, **Banzó**, 76).

PISAR — Como **Brasileirismo da gíria**, vem este verbo (que se deve grafar com **s**, de **piso**, sufixo **ar**, que não **izar**) assim consignado em Cândido de Figueiredo: "Enfurecer-se, danar-se: O homem pisou...! **Pisar na trouxa, pisar nos calos, zangar-se exaltar-se...**" Entretanto, quem compulsar o excelente Dicionário de Sinónimos e Antónimos do ilustre Mestre patricio F. Fernandes, aí encontrará, no verbete **machucar**, o sinónimo **pisar**, ou seja, o mesmo que nos oferece o "Vocabulário: **Pisar = Machucar**.

SUNGAR — Como sinónimo deste verbo, apresenta-nos F. Fernandes, na obra já aqui citada, os vocábulos **puxar, erguer, suspender**, sendo este último exatamente o que figura no "Vocabulário": **Sungar = Suspender**. Mas, além do mencionado lexicógrafo, também Aulete e Figueiredo recolheram o **brasileirismo sungar**, registando-o assim o **Contemporâneo**: "puxar para cima", e o **Novo Dicionário**, com o mesmo significado, acrescido deste exemplo: — "colarinho sungado para traz". Monteiro Lobato, **Urupês**, 246". E mais: com o sentido de **subir, trepar, montar**, apresentam ambos os Mestres lusitanos o verbo **sungar**, como usado no Norte do Brasil.

TERRA FIRME — É expressão comum entre Brasileiros e Portugueses. Prova-o este lugar de J. F. de Andrade, colhido por Aulete-Valente, e apresentado no verbete — **FIRME** — do Dicionário Contemporâneo, segunda edição atualizada por Silva Bastos: — "É a cidade apartada da **terra firme** por um esteiro que em tórno a vai cingindo".

Comentários ao Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore

(N. 2, de Dezembro de 1949)

Francisco Carreiro da Costa

(S. Miguel — Açores)

O **Boletim Trimestral** da Sub-Comissão Catarinense de Folclore (I. B. E. C. C.) publica no seu n. 2, relativo a Dezembro de 1949, materiais curiosos, os quais, comparados com elementos conhecidos no Arquipélago dos Açores, levam-nos imediatamente à conclusão de que há realmente uma manifesta identidade entre os costumes açorianos e os catarinenses, além de que muitos desses costumes são servidos por factores locais semelhantes.

Assim, a leitura do citado número do referido **Boletim Trimestral** sugere-nos os seguintes comentários:

A) **A PESCA COM O BÔTO**, por João dos Santos Areão.

É pezar que esta notícia, aliás muito interessante, não contenha a designação científica do bôto para melhor identificarmos êste animal marinho com o que se dá no mar dos Açores e que tem o mesmo nome. Será a *Phocaena communis* ou o *Delphinus delphis*?

Ambos são cetáceos mas os açorianos chamam bôto tanto ao pri-

meiro (que é realmente o bôto) como ao segundo que é, afinal a toninha.

Segundo alguns autores são uma e a mesma coisa — o que não se nos afigura certo.

No **Elucidário Madeirense**, de Fernando A. da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, escreve-se a pág. 166 do 1º vol. (Funchal, 2ª ed., 1940) o seguinte:

“**Bôto (*Phocaena communis*)**. Cetáceos dos mares da Madeira. Quando novo é chamado toninha, designação que também é dada a outro cetáceo, o ***Delphinus delphis***”.

É talvez uma confusão, porque, segundo Eduardo C. U. Pereira, no vol. I, das suas **Lhas de Zargo** (pág. 406), “na Madeira e Porto Santo os mais pequenos cetáceos, sem distinção são chamados **bôtos...**”, acrescentando depois o seguinte:

“**O Golfinho**. — (*Delphinus Delphis*, L.) só nos visita de passa-gem.

“**A toninha**. — (*Phocaena communis*, Less.). Também aparece “nos nossos mares (da Madeira) e é tão simpática e familiar aos “pescadores que estes não lhe fazem mal. Não a pescam, porque, “presa uma, juntam-se as demais a defendê-la aos saltos e aos gemi-“dos, o que lhes causa dó. Entretêm-se quando as encontram a asso-“biar-lhes a cuja chamada elas acorrem e escoltam a embarcação para “onde for. Do facto de ter êste peixe a cauda horizontal em vez de “vertical, criaram os pescadores uma lenda explicando o fenómeno “por um castigo de Deus para a toninha não correr mais do que o “sol”.

Por consequência, pergunta-se o bôto da Laguna do sul do Es- tado de Santa Catarina não será a toninha, da Madeira?

Por outro, e com relação aos Açores, há que acentuar o seguinte:

Já no século XVI foi assinalada no mar deste último arquipé- lago a presença de bôtos. Assim, segundo Fructuoso (**Saudades da Terra**, Lº. IV, capº. 64º.), antigamente, em S. Miguel, sairá “à costa um peixe de feição de baleia, tão grande como meio baleote que cha- mam **boto**”.

A respeito desta designação escreveu o naturalista micalense Pe. Ernesto Ferreira († 1942):

“Ainda hoje se dá, nos Açores, às delfinides ***Phocaena Communis Cuv.*** êste nome com que também é costume designar os pequenos cetáceos, quando se não sabe diferenciá-los, assim como indistinta- mente se chamam baleias os grandes. “Bôto” no Brasil é igualmente nome generalizado para significar algumas espécies da Famílias dos Delfinideos”. (**Gigantes dos Mares dos Açores**, in “**Acoreana**” — Bol. da Soc. Afonso Chaves —, Angra, 1935, vol. I, pág. 75).

Este mesmo naturalista escreveu mais adiante, no seu citado estudo (**Açoriana**, vol. cit. pág. 77 e 78):

“***Delphinus delphis*, L.** É o golfinho dos antigos, das literaturas clássicas. Os franceses chamam-lhe **dauphin**, os ingleses **dolphin** e os açorianos **toninha**. O seu comprimento é de 2 a 2 metros e meio. A **toninha** tem um filho, raramente dois; quando nasce traz alguns cabelos, 5 a 7 de cada lado, formando o bigode. Vive em todos os oceanos e alimenta-se de peixes e de cefalópodes. Muito frequente no Mediterrâneo e nas águas temperadas do Atlântico, é o cetáceo mais abundante nos Açores, onde se encontra em bandos, como acontece com outros cetáceos. Às vezes segue os navios. Salta fora de água fazendo graciosas evoluções”.

"Phocaena communis, Cuv. Os franceses chamam-lhe *marsouin*, os ingleses *porpoise* e os açorianos *boto*.

É o menor dos cetáceos, pois mede apenas entre 1,5 m. e 1,30 m. Conhece-se pela forma arredondada da cabeça, descendo a fronte em suave declive e pela sua cor escura por cima e branca por baixo. Quando nasce, traz 2 a 4 cabelos... É muito voraz e anda em numerosos ranchos perseguindo os peixes pequenos e às vezes os grandes como as *albacoras*".

Estas mesmas características são apontadas também por Acúrcio García Ramos no seu livro *"Notícia do Archipelago dos Açores..."*, Lisboa, 1871, pág. 178.

Pergunta-se, pois, ainda: o *bôto* da Laguna do Sul do Estado de Santa Catarina será a *toninha* dos Açores, com toda a sua docilidade ou, simplesmente o *bôto* que no mesmo arquipélago também é visto e passa por ser muito voraz?

O citado Acúrcio García Ramos, escreve na sua referida obra, acerca da *toninha*: "Vive em grandes ranchos e persegue às vezes com tanta avidez os peixes pequenos que, se estes se refugiam numa praia para escapar ao inimigo, as *toninhas* encalham e ficam presas".

A *toninha* — *delphinus delphis* — é colhida nos Açores no verão, constituindo, a sua carne, um prato muito apreciado pelas populações rurais. A sua carne tem muito sangue e é escura; usam comê-la em bifes, frita, com molho de vinha-d'alhos ou, mais frequentemente, guisada com cebola verde e rama, também verde, de alho bravo.

A notícia do sr. João dos Santos Areão é, como dissemos, muito interessante mas o seu trabalho ficaria completo se fosse levada a cabo uma memória o mais pormenorizada possível das alfaias marítimas (incluindo os tipos de barcos, velames, etc.) empregadas na pesca do litoral catarinense. Essa memória acompanhada de desenhos representando todas as alfaias usadas e acrescida com os nomes de todos os mares, *marcas*, *pesqueiros* ou *bancos*, dar-nos-ia valiosos elementos para compararmos com alguns estudos que já há feitos nos Açores a esse respeito e subscrito por Gabriel de Almeida, Luís Ribeiro, Luís Bernardo Leite de Ataíde, Frederico Lopes Junior e pelo signatário do presente comentário.

B) **SOBRE FOLCLORE JOINVILENSE**, por Plácido Gomes.

É uma notícia igualmente cheia de interesse.

Relativamente ao *pão-por-Deus*, referir-me-ei mais adiante, quando comentar o artigo do sr. Dr. Oswaldo Cabral.

Sobre as restantes notas, pouco há que comentar, pois as tradições relativas ao Natal que o autor cita pouco ou nada têm de açoriano e as referentes à Páscoa afiguram-se-me com reminiscências alemãs. Só as relacionadas com as festas do Espírito Santo se deixam entrever de certo modo idênticas às dos Açores.

C) **AS VERRUGAS NO FOLCLORE CATARINENSE**, por Walter F. Piazza.

Em S. Miguel, diz-se *verrugas* e *verrumas* e nunca *berrugas*. O caso do *v* por *b* é frequente na língua portuguesa havendo nos Açores casos dessa substituição como *basoura* por *vassoura* e *bage* por *vagem*.

Nos Açores há também a crença de que as *verrumas* crescem sempre que se contam estrelas.

(A. Carreiro da Costa, **O Tempo na Linguagem Popular micaelense**, in "Açoriana", vol. III, 1945, pág. 256).

Em S. Miguel curam-se as verrugas por vários modos:

- a) Esfrega-se a verruma com casca de banana (figo de banana, diz o povo). É método no entanto, pouco eficaz.
- b) Há também quem as cure com calda de sulfato de cobre, do mesmo sulfato com que polvilham as culturas.
- c) Aplicando sobre a excrescência goma de espadana. A espadana (*Phormium Tenax*, L.) é cultura muito divulgada nos Açores. Há também quem lhe chame linho, amarradeira, atadeira, tabúia.
- d) Aplicando sobre a verruga um pequeno talo da erva celedónia, conhecida vulgarmente em S. Miguel por erva das verrugas (*Cheledonium majum*, Lin.) — papaverácea espontânea muito frequente nos Açores. (Cf. minha **Terminologia Agrícola Micaelense**, in Boletim da Comissão Reg. dos Cereais, n. 9). Esta erva das verrugas também é muito boa para o tratamento de simples golpes.
- e) Aplicando também sobre a verruga, por três vezes, leite de figo preto. Logo que se termine esta aplicação, será bom pôr o figo, donde se tirou o leite, dependurado na chaminé, ao fumo. Quando o figo estiver seco, a verruga cai de seca, também. Dizem, porém, que o leite do figo preto é tão eficaz que a verruga cai mesmo muito antes do figo preto secar.

NOTA — Em S. Miguel também chamam às verrugas — cravos.

D) VOCABULÁRIO REGIONAL CATARINENSE (Ilha e Litoral). Recolhido por Demostenes Veiga.

Esta contribuição para o Léxico é muito interessante e representa, quanto a nós, o princípio de um trabalho que deveria ser feito o mais extensamente e profundamente possível.

Nós, em S. Miguel, já vimos trabalhando há anos na escolha de elementos para um Vocabulário regional, dispondo presentemente de alguns milhares de fichas. (Veja-se o "Boletim da C. R. C. A. A." do n. 3 ao n. 9). Das fichas que então possuíamos já, retirámos algumas centenas delas e com as mesmas elaborámos o trabalho intitulado "Terminologia Agrícola Micaelense" insertas nos citados volumes daquela publicação.

Com base nas nossas colheitas, cumpre-nos formular as seguintes informações em relação aos elementos de Demostenes Veiga:

Andaço — também se usa em S. Miguel, para significar epidemia tanto nos homens como nos animais.

Há também quem empregue com o mesmo sentido a expressão **moda**: — "Anda aí, agora, uma moda de tosses...". É também usado na I. Terceira (L. Ribeiro, **Linguagem Popular da Ilha Terceira**, in "Açoriano", vol. I, 1934, pág. 12).

Juntar — Também usado em S. Miguel para significar o acto de apanhar um objeto e não no sentido de recolher vários deles.

Pisar — Igualmente empregada em S. Miguel onde não fazem qualquer distinção entre **magar** (com as mãos) e **pisar** (com os pés). Em S. Miguel, dar uma dentada, um empurrão, um apêrto com as mãos, um beliscão, etc., é sempre **pisar**.

Pau de cabeleira — Também usada em S. Miguel.

Murcilia — Em S. Miguel, o chouriço feito de sangue de porco,

gorduras deste e cebola verde ou de toca, tem o nome de **morcela** e, nalgumas localidades, de **morcilha**. Nunca **murcilia**. A **morcela** faz-se com as tripas do próprio porco de cujo sangue se prepara o respectivo recheio. Uma criança que haja nascido muito trigueirinha diz-se por graças que ao nascer foi lavada em água de morcelas.

Pinchar — saltar. Fazer um **pincho** é saltar.. Em S. Miguel, atirar um objeto para longe diz-se **aboar** e **aboiar**.

Parecido — Também em S. Miguel se diz “Uma pessoa bem parecida”, como que a significar de bom aspecto.

Em riba — Em S. Miguel ainda usam muito este arcaísmo — **em riba**, **por riba**, **de riba**, **arriba**, etc. Os micaelenses, porém não pronunciam **em riba** mas sim **im-riba**. Usado também na I. Terceira (L. Ribeiro, op. cit, pag. 18).

Descontra-a-vontade — Frequente em S. Miguel, como de resto muitas outras expressões em que opõem o prefixo **des** para reforçar a negativa. Ex: **Descontrafeito**.

Destrocar — Idem

Desinfeliz — Idem

Famelinhas — Não é usado em S. Miguel. Nesta ilha é frequente, todavia, a expressão **famila** (familia) para significar filhos. De um diálogo: — Fulano já casou há muito tempo!... — E já tem **família**? Nalgumas localidades o termo **obrigação** quer significar filhos: — Como vai o Campadre? E a obrigação?

Correr com os Passos — Em S. Miguel diz-se **correr os Passos** o que por extensão significa também **correr as tabernas** ou as casas conhecidas. Em S. Miguel diz-se também **correr a via-sacra**.

Pitafo, **pitáfio**. Em S. Miguel diz-se **pitafe**, pronunciando-se o t um tanto molhado em que a língua, para o articular, bate lentamente nos alvéolos.

É uma particularidade muito característica da linguagem popular micaelense. (V. **Brasileirismos**, do Prof. Manuel Paiva Boléo). **Pitafe** em S. Miguel significa defeito, nódoa na reputação. Usado também na ilha Terceira (Cf. Luís Ribeiro, op. cit., pag. 27).

Desarriscar — Também o mesmo que riscar.

E) PELOS MUNICÍPIOS CATARINENSES — II — Crençices e superstições.

De um modo geral as crençices e superstições recolhidas no município de Concórdia são idênticas às que se notam nos Açores.

- a) as palmas dos Ramos, bentas, que se queimam para afugentar as tempestades;
- b) as queimas de velas bentas;
- c) as ferraduras encontradas e pregadas por detraz das portas;
- d) igualmente, mas apenas nalguns lugares, a colocação de osadas de cabeças de bois e cabras, com os respectivos chifres.

Quanto ao recolhido em **Araquari**, há também crençices idênticas nos Açores. É matéria que daria para encher um livro, tudo quanto se conhece já a tal respeito.

A doença da **espinhela caída** é frequentíssima e a sua cura faz-se com mêzinhas e com rezas apropriadas.

A interpretação dos sonhos é igualmente matéria para um vasto capítulo de superstições. Nos Açores é matéria largamente tratada já por Luís Ribeiro, Luís Eernardo Leite de Athaide, Pe. Inocêncio Enes e em parte por mim, numa palestra feita no Emissor Regional dos Açores.

F) A RESPEITO DOS CORAÇÕES E DOS "PÃO POR DEUS"

por Oswaldo R. Cabral.

Este bem elaborado e bem documentado artigo revela-nos a união de duas tradições açoriananas: — a dos papéis recortados e a do **pão por Deus**, própria e dita.

Depreende-se do artigo que, no Estado de Santa Catarina, costumam recortar no papel graciosos corações e que nesses mesmos corações inscrevem-se depois quadras em que o remetente solicita uma pequena dádiva.

Vamos por partes:

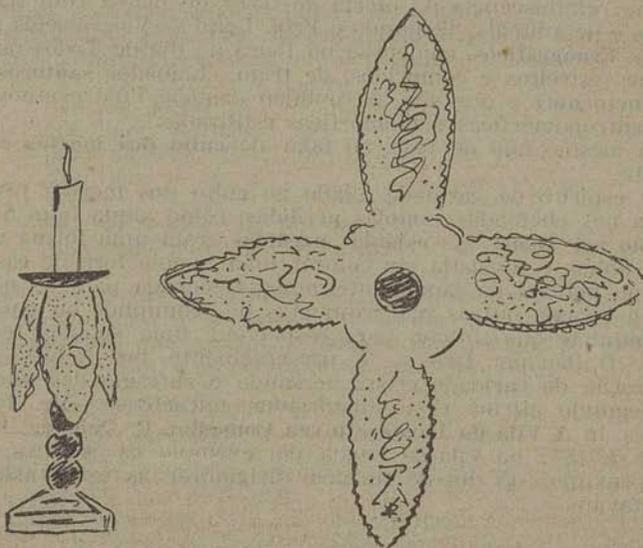
Em S. Miguel o papel recortado não está ligado ao **pão por Deus** nem tão pouco apareceu até agora ao serviço deste.

O papel recortado à tesoura ou à navalha — o mais frequente é à tesoura — é, em S. Miguel, uma manifestação artística que remonta ao século XVII, sendo uma criação freirática que alcançou o seu apogeu no século seguinte.

Conhecemos exemplares lindíssimos inegaláveis de perfeição, finíssimos nas suas rendas verdadeiras filigranas de papel.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834 esta arte sofreu um duro golpe, porém "laicificada, ganhou em ingenuidade e pureza simples mas perdeu por vezes em delicadeza e subtilidade" (Emmanuel Ribeiro, *A Arte do Papel Recortado em Portugal*, Coimbra, 1933, pág. 9)

Em S. Miguel, como nas principais terras do Continente Português, ainda persiste, posto que circunscrita a uma dúzia ou pouco mais de velhas senhoras, essa arte do recortado, traduzida em rendas para cobertas e camas de doces, cobertas de mesa, papéis para prateleiras, mosqueiros, arrandelas, etc.



Arandela para castiçais

Mas onde a arte do papel recortado chega a ser verdadeiramente

te preciosa é nas chamadas marcas de livros de orações que vêm do tempo das freiras.

Essas marcas de livros, de que conhecemos alguns exemplares, traduziram-se em pequenas peças que raramente excedem 12 cm. Representavam cálices com hóstias, custódias, pombinhas adejando, corações ardentes, etc. As freiras, ao tempo, recortavam em papel branco e de cores essas pequenas preciosidades e ofereciam-nas às pessoas amigas, parentes ou simplesmente esmoleres do convento em que estavam recolhidas.

Pergunta-se agora: os corações de Santa Catarina em forma laicizada dos corações — marcas de livros — que as freiras açorianas recortavam para oferta aos seus amigos, parentes e protetores?

Ainda hoje, em S. Miguel o peditório do **pão por Deus** com versinhos em papel é tradição arreigada mas circunscrita aos distribuidores dos jornais que todos os anos, pelos Santos, solicitam uma dádiva aos seus fregueses e assinantes.

Os rapazitos dos jornais compõem algumas quadras e quintilhas todos os anos por aquela época e imprimem-nas em pedaços de papel que depois vão deixando pelas várias casas, com o sentido de recolher a esmola no dia seguinte.

Alguns desses **pão-por-Deus** se remetem com o presente comentário.

Num trabalho que escrevi em 1945 — **Bonecos de Massa** — deixei registado o seguinte:

“No dia de Todos os Santos e no dia de Almas, respectivamente dias 1 e 2 de Novembro, costumam ainda pedir na nossa terra o “pão por Deus”.

“Esta dávida, que hoje se materializa por qualquer forma, deve ser uma reminiscência da oferta de bolos de massa com figuras de homens e de animais. “Segundo o Prof. Leite de Vasconcelos nos seus **Ensaio Etnográfico**, comem-se na Beira no dia de Todos os Santos, uns pães estreitos e compridos, de trigo, chamados **santoros** (do latim **sanctorum**) e que são, na opinião daquele ilustre etnógrafo, figuras antropomórficas e zoomórficas estilizadas”.

No mesmo ano de 1945, ao falar do **culto dos mortos** escrevi o seguinte:

“O espírito de caridade aliado ao culto dos mortos revelava-se outrora nas chamadas **esmolas perdidas**, como ainda hoje no conhecido **pão por Deus**. “As **esmolas perdidas** eram uma forma de sufragar as almas e consistia em colocar uma esmola fora de casa: umas vezes no peitoril da janela inteiramente fechada para se não saber quem a levava; outras nas banquetas dos caminhos ou então junto das **alminhas** que tinham para esse efeito uma pequena copeira.

“... O Pão por Deus... é, presentemente, nos Açores, uma demonstração de caridade cristã versando o sufrágio das almas.

“Segundo afirma certo historiador micalense [Pe. João José Tavares, in **A Vila da Lagoa e o seu Conselho**, P. Delgada, 1944], até ao ano de 1872, na Vila da Lagoa, por exemplo, os pedintes, nos dias mais próximos do dia de finados, dirigiam-se às casas abastadas e aí cantavam:

“Pão por Deus, pelo amor de Deus,
Para repartir pelos fiéis de Deus;
Deita a tua na Saquinha.
Seja tudo pelo amor de Deus!”

“A esmola do **pão por Deus** é hoje frequentíssima nos Açores e invocada nesses dias... onde os distribuidores dos jornais e os enarçancs a peçem com deligência.

“Em certas freguesias rurais micalenses os garotos da rua, julgando-se com direito a tal esmola, pedem-na entoando a seguinte cantilena:

“Dai pão por Deus
que vos deu Deus
P’ra repartir
C’os fiéis de Deus
Pelos defuntos
de Vocemês”.

“Caso não sejam atendidos, cantam esta em frente da casa:

Tranca me dáis ?
Fujo p’ra a rua!
E seja tudo
P’lo amor de Deus !”

Isto escrevia eu em 1945.

Em Novembro do ano findo, o jornalista micalense J. Silva Júnior, em férias, na freguesia nortenha dos Fenais d’Ainda registou também o seguinte apontamento que recorto do “**Diário dos Açores**”, n. 21, 289, de 4 de Novembro (1949):

Lindo dia para **todos os santos** ! Estão cheios os pulins de milho e por aqui por ali ainda há taboleiros de castanhas a secar. Pois foi nesta manhã lavada e encharcada de soleira, que vi uma usança, nova para mim, e que em poucas linhas se conta.

Um barulhento grupo de rapazes zaragateava ao portão do páteo. Cantavam uma lenga lenga que depois me “traduziram assim”:

Pão por Deus
que louva a Deus
para repartir
c’os fiéis de Deus

Se não tendes que me dar
Seja tudo p’lo amor de Deus.

E a verdade é que só se foram quando despejaram um taboleiro de nacos de pão, para irem rebetir a “cantiga” no prédio fronteiro.

Soube também que quando a porta a que batem, embora abastada, se não lhes abre, completam a cantoria com estes dois versos:

E se deles não quereis dar
Tranca no corpo a Vocemecês

A palavra **corpo** é quase sempre substituída pela do sítio onde entendem que a tranca deve cair...

Eis quanto de momento se me oferece dizer a respeito do N.º 2 do Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore — comentário feito praticamente sobre o joelho e que, portanto, não tem a pretensão de ser coisa completa”. Quem dá o que tem...”

INQUÉRITOS

Pelos Municípios Catarinenses

(Colaboração do Departamento Estadual de Estatística)

I — ADAGIÁRIO

Município de Florianópolis

8. Antes um mau ano, que um mau visinho.
11. A cavalo dado, não se olha o dente.
14. Aprende o barbeiro novo na barba do tolo velho.
17. Beleza não põe mesa.
29. Da manhã se faz o dia.
30. De pequenino se torce o pepino.
32. Em março, tanto durmo, como faço.
34. Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.
Variante: Enquanto o pau vai e vem, folga o lombo.
36. Filhos criados, trabalhos dobrados.
37. Gato miador não é bom caçador.
55. Nunca falta um chinelo velho para um pé doente.
63. Pelo pôr da isca se conhece o tocador.
64. Pelo afinar da viola se conhece o tocador.
65. Praga com razão nem ao meu cão.
70. Quem vai ao ar perde o lugar.
71. Quem vai ao vento perde o assento.

74. Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
78. Quem dá o pão, dá o castigo.
81. Quem não vê, não deseja.
85. Quanto mais pressa, mais vagar.
87. Quando um burro fala, o outro abaixa as orelhas.
99. Uma mão lava a outra e ambas lavam a cara.
Variante: Uma mão lava a outra e as duas lavam a cara.
103. Águas passadas não movem moinhos.
106. Até à morte há sorte.
113. Burro velho não aprende letras.
117. Comer e coçar, está no começar.
121. Cada um dá das flores que tem no seu jardim.
Variante: Cada um dá aquilo que tem.
123. Deus ajuda quem trabalha e esta regra nunca falha.
Variante: Deus ajuda a quem trabalha.
131. De grão em grão enche a galinha o papo.
148. Mulher doente, mulher para sempre.
153. Navio parado não ganha frete.
Variante: Barco parado não ganha frete.
157. Não há homem sem seu nome nem nome sem sobrenome.
165. O pior do barco é o que vende o peixe.
172. Quem quer bem, ao longe vai.
173. Quem muito corre, pouco alcança.
181. Quem ceia da pipa, almoça da bica.
186. Quem não tem filhos, tem cadilhos.
Quem tem filhos tem cadilhos quem não tem, cadilhos tem.
202. Antes invejado do que lastimado.
216. Cada cabeça sua sentença.
226. Dia de chuva é dia de pancadas.
230. De dez réis a dez réis é que se chega a mil réis.
233. Entre marido e mulher não metas a colher.
235. Flor no peito asno feito.
Variante: Flor no peito bobo feito.
244. Muito riso, pouco siso.
251. Nem muito ao mar, nem muito à terra.
254. Ninguém se levanta, se não depois de cair.
255. Nem com toda a sede à fonte.
260. O cão e o gato são de quem lhes faz o mimo.
267. Pelos domingos se tiram os dias santos.
263. O que arde cura e o que aperta segura.
266. Pela boca morre o peixe.
267. Pelos domingos se tiram os dias santos.
272. Quem espera, desespera.
273. Quem porfia, mata caça.
274. Quem cala, consente.
276. Quem sai aos seus, não degenera.
277. Quem mais tem, mais deseja.
279. Quem muito dorme, pouco aprende.
297. Uma mentira, descobre outra.
301. Antes suar, que espirrar.
303. Antes morte, que má sorte.
304. Ande eu quente, e ria-se a gente.
307. A bom entendedor meia palavra basta.
Variante: A bom entendedor uma palavra basta.
314. Cada qual com seu igual.
315. Cão que ladra, não morde.

317. Cautela e caldo de galinha nunca fazem mal a doente.
321. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.
331. Em casa de ferreiro, espêto de pau.
332. Escreva quem quiser, e leia quem souber.
339. Hoje por mim, amanhã por ti.
341. Homem prudente, vale por dois.
Variante: Homem prevenido vale por dois.
345. Morre o homem, fica a fama.

NOTA FINAL:— A numeração que antecede ao adágio refere-se a usada pelo dr. Armando Cortes Rodrigues no seu trabalho "Adagiário Popular Açoriano", publicado na Revista "Insulana", órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ilha de São Miguel — Açores). — As variantes são encontradas no município de Florianópolis.

Aspectos antigos do Folclore de Santa Catarina

O Padre Jácomo Vicenzi, em 1902 escreveu um livro interessante, a respeito de uma viagem que realizou ao nosso Estado, subindo o vale do Itajaí até a Estrada dos Pomeranos, atual Município de Rodeio, onde residia a sua família. O seu trabalho, intitulado **UMA VIAGEM AO ESTADO DE SANTA CATARINA** foi prefaciado pelo Conde Afonso Celso e encerra muitas páginas interessantes sôbre os costumes dos habitantes da região.

Um dos costumes descritos pelo Pe. Vicenzi, que pôde reivindicar para si o título de primeiro pesquisador do folclore barriga-verde, é o do casamento de viúvo, que relatamos abaixo, transcrevendo as próprias palavras do Autor.

N. da R.

CASAMENTO DE VIÚVO

Existe um costume entre os moradores daqueles lugares, oriundos de italianos, e mesmo, creio, de alemães, de festejarem de um modo muito original o casamento de um viúvo, embora uma parte nunca se tivesse casado.

.....
Um casamento de viúvos é, para a mocidade, e até para muitos

casados, um acontecimento e uma verdadeira folia. Ajuntam-se em grande número na noite em que se realiza o casamento, colocam-se em frente da residência dos recém-casados, e então começam a executar uma música originalíssima, em que, para ser mestre e muito aplaudido, não há necessidade de ensino.

Cada qual leva o instrumento que mais lhe agrada, pois, por muito desanimado que seja, no fim de contas, sempre dá certo. Os instrumentos mais usados são: campainhas, chifres curvados, e parelas quebradas. O instrumento contudo que mais concorre para animar o grandioso espetáculo, sendo o preferido por uma boa parte dos músicos, talvez por sua sonoridade, doce e suave, são as latas de Keroseene. Calcule-se, agora, toda essa diversidade de instrumentos tocados com todo o fervor, durante horas inteiras, por trinta, ou quarenta e mais rapazes, que pandemônio não de produzir!

Se o recém-casado, depois de algumas horas de tão penoso trabalho, em sinal de gratidão e recompensa, os convida amavelmente para a sua casa, e lhes oferece um copo de vinho, um achicara de café, ou mesmo um simples calix de aguardente, tudo termina depressa e com a maior satisfação de todos. Se, pelo contrário, o festejado, por teimoso, não quiser praticar esta pequena delicadeza, neste caso as harmonias recomeçam a proiongá-las indefinidamente em dias subsequentes.

(O Autor conta a seguir caso havido na localidade com um seu ex-professor e faz alusão a outros, comprovando a usança acima narrada):

* * *

O General Dr. Liberato Bittencourt, recentemente falecido, escritor e filósofo que honrou sobremodo a sua terra natal, num velho conto — O VAGALUME (Cena Catarinense), publicado em 1913 na Revista Catarinense, que José Johanný editou em Laguna com grande esforço, por três anos, relata-nos uma cena típica do Destêro, (Florianópolis) em 1879. Há nela consignada uma cantiga que ainda hoje é conhecida e que, como diz o seu Autor, é o maior insulto que se pode fazer a um homem montado, em nossa terra. Diz o Autor que a cantiga era tradicional... em 1879! Eis o trecho do conto que sob o ponto de vista folclórico interessa aos nossos pesquisadores:

UMA TOADA TRADICIONAL

... Vem um espadado cavaleiro a trote largo de fogoso báio

O cavaleiro passa, a suar em bicas, sem dizer palavra. Como que alguma cousa grave a preocupar-lhe está o inculto espírito. Por ventura um mau negócio à cidade, senão funda contrariedade doméstica, na roça. E logo depois, quando mais ou menos a duzentos metros do grupo, se ouve, forte, ritmada e provocadora, a tradicional cantiga catarinense:

Vagalume
Cai, cai,
Teu pai
La vai,
Tua mãe

FOLCLORE NACIONAL

Folclore Gaúcho

MÁXIMAS CAMPEIRAS

Tostado antes morto que cansado
Tordilho nágua é melhor que canôa
Aspa mole, boi gordo
Não há matreiro que não cáia um dia
Ovelha não é para mato
Céu pedrento, chuva ou vento
Sol debaixo de barra ao entrar, é água que vai derramar
Negro com posição é encrenca do galpão
Cancela arrastada é cancela quebrada
Sinuelo afastado é trabalho dobrado
Ausente o dono, estância em abandono
Primavera barrrenta é ovelha cascorrienta
Chergão emplastro, é cavalo basteirado
Maturango laçando campo fora é laço que estora
Carreta chiando é eixo queimando
Costela, unha com ela.
Serviço de laço, tendo chovido, é laço partido.
Esquila sem cancheiro é cancha que nem chiqueiro
Peão com calca de cidade deve ser nulidade
Geada com vento a levantar é dia de encarangar
Cachorrada adelgada é carniça espaçada
Mula mansa inverçada é carroça quebrada
Cavalo puxador de peito pelado é cavalo empacado
Quem com gado zebú lidar é bom não gritar.

Folclore Bahiano

ORAÇÃO DE SANTA MARTA PARA ALCANÇAR UMA GRAÇA

Santa Marta, Santa minha acolhei-me ao vosso amparo, como prova do meu afeto; por Vós ofereço esta luz que acenderei todas as terças-feiras, durante esta novena. Consolai-me nas minhas penas pela imensa felicidade que tivestes em hospedar em vossa casa o Divino Salvador do Mundo. Intercedei-me hoje e sempre para mim, e toda a minha família, para que sempre invoquemos ao Divino Deus Todo Poderoso, em todas as necessidades da vida.

Suplico-vos, também, Santa Marta, que tenhais sempre misericórdia infinita para comigo e concedei-me a graça que hoje vos peço de todo o meu coração. (Faz aqui o pedido da graça).

Rogo-vos que me façais vencer todas as dificuldades da vida como vós vencestes o dragão que tendes sob os vossos pés. Amem.

Cerimonial: Reza-se nove terças feiras e em cada uma distribue uma oração para a propagação da devoção a Santa Marta.

Reza-se com uma vela acesa que se deixa queimar até o fim.

ORAÇÃO PARA CURAR MORDEDURAS DE ANIMAIS PEÇONHENTOS

Laia, Ladaia, Lamana, Sabatana, Ave Maria.

Ô meu Deus, permitai que por meio desta palavra se estinga o veneno dêste bicho máu, peçonhento do corpo desta criatura (ou animal) que é Linho, Lami, Isaó.

... **Bilamim, Sabatana.**

Ave Maria. (Do tropeiro Isac-Jequié).

ORAÇÃO PRONUNCIADA AO SAIR DE CASA

Os sinos tocaram no Céu, os Anjos cantaram glória, bendita seja a hora, que saí pela porta a fóra. (Reza-se 3 vezes).

ORAÇÃO PARA ENTRAR EM QUALQUER LUGAR

Eu a salvo entrei, eu a salvo hei de sair, assim como o meu Senhor, Jesus Cristo, foi salvo na pia de seu santo batismo, debaixo da barca de Noé, eu me fecho com a chave do Senhor São Pedro, eu me trancô, Jesus de Nazaré, ao meu credo me encomendo, Jesus, Maria, José, a minha alma é vossa. Amem.

JOSÉ DE LIMA — FOLKLORE BAHIANO — Rezas, Mezinhas, Mandigas e Mandingueiros da Bahia.

Folcloré Capixaba

Da coleção de Renato José Costa Pacheco, Membro da Sub-Comissão Espírito Santense de Folcloré, apresentamos a seguir um ABC do Amor cantado em Guarapari.

Informante: Antônio de Freitas Lira (que o ouvia - descêe criança — Data da informação: 3-9-48).

O A quer dizer amor
não amei a quem eu quiz...
Por tua causa deixei (1)
No mundo de ser feliz

O B quer dizer Bem
tu bem podes conhecer...
Por tua causa deixei
quem me podia valer

O C quer dizer caicho
caichos dos cabelos teus
morena dá-me um dos vossos (2)
que eu te darei um dos meus.

O D quer dizer desprezo
desprezado sou por ti
Não faz mal, entrego a Deus
que ainda tenho Êle por mim

O E quer dizer engrata (4)
engrata posso assim chamar
uma engrata como tu
é custoso se encontrar (5)

O F quer dizer ferino
Achei em teu coração
achei falsidade, achei tudo
até mesmo ingratidão...

O G quer dizer gostos
muito tempo de alegria
tudo isto aconteceu
por que não te conhecia

O H quer dizer Homem
de tão máu procedimento
tu mesmo foste a culpada
de ouvir meu juramento

O I quer dizer infância
Eu nela vivo em flor
não faz mal, entrego a Deus
tenho por meu defensor...

O J quer dizer Jurei
tôda a vida de te amar
agora acabo de crer
que não me sabes pagar

O K (5) quer dizer cui
em tamanha aflição
hoje é que arrependo
de ter dar meu coração

O L quer dizer lágrimas
que de meus olhos botei
em imaginar que por ti
amores melhores deixei

O M quer dizer muitas
falsidade e ingratidão
foi o que mais encontrei
no teu falso coração

O N quer dizer nunca
pensei que tu me fizestes
deste mal pago traidor
a quem tanto tú quizestes

O O quer dizer olhos
de chorar tanto me ardem
sómente de encontrar
no teu peito a falsidade...

O P quer dizer penas
Estas são que me consomem (6)
Por tu seres tão ingrata
Não lembrares de meu nome

O Q quer dizer quero
saber do sim ou de não
quero ter cum descansos
no meu infeliz coração

O R é residência
que residência posso ter
eu amar a meu benzinho
ser constante até morrer

O S é dizer que sim
também quer dizer não
destas duas coisas espero
do teu falso coração

O T quer dizer tudo
obrigou-me a desprezar
por tua causa deixei
até Deus em seu altar!

O U é que diz uma
e as duas ha de chegar (7)
.....

O V quer dizer vejo
Tudo quanto me dizia
Tudo isto aconteceu
Por que não te conhecia

O X quer dizer chove (xê) (8)
com que abrisse meu peito
Ferisse tão bem ferido
como o amor do amor perfeito

O Z quer dizer zêlo
Foi causa que ela não tinha (9)

Eu em ter zêlo com ela
Até foi tolice minha:...

FINAL

O Til é uma letra (10)
que aspira entre vogais
Adeus falsa, adeus tirana,
adeus para nunca mais.

Nota:

(1) — Este refrão parece-me, devia estar em tôdas as quadras; (2) — Note-se a popular mudança do tratamento; (3) — Forma também popular. (4) — Assim é que me foi dito KI, pronúncia estranha no Espírito Santo. (5) — Esta é a rima. (7) — O informante se não lembrava do final. (8) — Vide nota 5 (9) — Causa ou causa? (10) — Não mais se considera til letra. Influência espanhola?

(Transcrito de "Folclore", Revista da Sub-Comissão Espírito santense de Folclore).

COLABORE COM A SUB-COMISSÃO. ENVIE-LHE AS SUAS
OBSERVAÇÕES.

A SUA COLABORAÇÃO SERÁ PUBLICADA NO BOLETIM DE
DEZEMBRO SE CHEGAR A TEMPO.

FOLCLORE DOUTRAS TERRAS

Folclore Açoriano

“Augusto Pires de Lima publicou a 2ª edição dos seus JOGOS E CANÇÕES INFANTIS, da coleção “Folclore e Pedagogia”, com músicas revistas pelo Prof. Cláudio Carneiro (Domingos Barreira — Editor — Livraria Simões Lopes - Porto).

A terceira parte do volume consta das **Rimas** e delas vamos registar algumas variantes da Ilha de São Miguel.

OS DEDOS

As crianças vão pegando nos dedos da mão, a começar pelo mínimo, e dizem:

(a)

- Este quer pão;
- Este diz que não há;
- Este diz: vamos roubá-lo!
- Este diz: alto lá!
- Este: amanhã, Deus o dará.
- ou então

(b)

— Dedo mendinho,
Seu vizinho,
Maior de todos,
Fura-bolos,
Mata-piolhos,

Em São Miguel diz-se:

(a)

— Este diz que quer comer;
Este diz que não tem quê;
Este diz que vai roubar;
Este diz que não vá lá;
Este diz que Deus dará.

(Ha ainda a variante: “— Este diz que vai lá
Este diz que o matará”)

(b)

— Dedo mindinho,
Seu sobrinho,
Pai de todos,
Fura bolos,
Matapiolhos.

(NOTA: Em Santa Catarina diz-se:

— Dedo mindinho,
Seu vizinho,
Pai de todos,
Fura bolos
Mata piolhos).

Para contar até dez!

Fazem-se na lousa **uns** traços e diz-se:

— Una, duna, tena catena,
Cigalha, migalha
Catrapis, catrapés,
Conta bem que são dez.

Em São Miguel contam:

— Una, duna tena catena,
Cigarra, migalha,
No bico dos pés,

(NOTA: Em Santa Catarina, conta-se assim, segun-
do colheita feita em Laguna:

— Una, duna tena, catena, catená,
Balalá, simisim, pés e pés,
Conta bem que são dez.)

Folclore Argentino

ALMA DEL QUEMADITO

Na campanha catamarquenha de Copayán, uma cruz piedosa recorda a José Carrizo, que foi morto em uma fogueira, sem sumário nem confissão, por ordem do Coronel Acha.

O povo ficou impressionado com o fato e diz que a “alma del quemadito” anda pelos campos de Copayán, e a quem lhe pede alguma coisa ela o concede, especialmente se se trata de algum animal extraviado ou objeto perdido.

Neste sentido poderemos citar que ha certa semelhança com o “negrinho” do pastoreio do sul do Brasil e parte das Missões, que, morto também injustamente pelo seu amo, vaga pelos campos ajudando aos pastores a encontrar os animais extraviados.

(**FELIX COLUCCIO** — Dicionário Folclórico Argentino).

ESTRELAS

É mau contar as estrelas porque nascem verrugas a quem as conta.

Quando se vê uma estrela cadente, deve-se fazer, enquanto dura a queda, nós nas quatro pontas de um lenço, preferivelmente de seda, lançá-lo ao ar e recolhe-lo. Se neste espaço de tempo se pensa em três coisas que se desejam, é seguro que se obterá a realização dos ditos desejos.

No Chile ha a respeito das estrelas algumas superstições muito originais. Assim: a existência de cada pessoa está ligada a de uma estrela que nasce e morre com ela e que, com as alternativas de seu brilho assinala as mudanças de saúde e de fortuna, prósperas ou adversas, das pessoas a qual está unida. Quando alguém que esteja a olhar para o céu, à noite, perde de vista uma estrela, é sinal de que acaba de morrer a pessoa a quem dita estrela pertencia.

No Brasil é crença que, se alguém formula um pedido enquanto vê cair uma estrela, o mesmo se cumprirá.

(**FELIX COLUCCIO** — Obra citada).

A LENDA DA TESOURA

Uma costureira apresentou-se, um dia, ante o Senhor. Todos quantos, naquela oportunidade, chegavam ao Céu, eram convertidos em aves. Deus transformou a alma da costureira numa avezinha graciosa de peito branco e cabeça e dorso escuros.

— “Senhor... — disse ela em tom suplicante.

— “Que desejas? perguntou Ele.

— “Durante a maior parte de minha vida vivi cosendo para os meus pais e meus irmãos. Hoje queria pedir-TE um favor...

— “Qual?”

— “Senhor, eu queria umas tesourinhas... Usei-as por tantos anos...”

Então o Senhor, para atendê-la, esticou as penas de ambos os lados da cauda e concedeu-lhe a faculdade de abri-las e fechá-las.

Por isso, quando a tesoura voa, abre e fecha as tesourinhas, na crença de que é costureira e que tem de manejá-las, para ganhar o seu sustento.

(Em Minas, Uruguai, Cuadri recolheu uma lenda muito semelhante a esta.)

(**FELIX COLUCCIO** — Obra citada).

Folclore Dominicano

ADIVINHAÇÕES

No meio do mar estou
Não sou sol nem estrela,
Nem tão pouco a luta bela
Advinha o que sou...

A letra "A"

Nas mãos das damas
Quasi sempre estou metido;
Umaz vezes estirado,
Outras vezes encolhido...

O léque

Assovia, e não tem boca,
Corre e não tem pés,
Toca, e não tem mãos...

O ar

Enfiem-me em carne morta,
Para um vivo ir colher
Se o colho, não o soito,
Pois não me quero perder...

O anzol

Quem o faz não o goza.
Quem o goza não o vê...
Quem o vê não o deseja,
Por mais bonito que seja...

O ataude

O que é que se corta, se coloca à mesa, se serve...
e não se come?

O baralho

Não é de carne, nem de osso,
Entretanto, tem peçoço...

A garrafa

Entro por um... e saio por três.

A camisa

No campo eu me eriei
Atada com verdes laços.
Aquele que por mim chora,
Mé está cortando aos pedaços.

A cebola

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos membros existentes em 1950

Nomes	Endereço
Oswaldo R. Cabral, (Secretário Geral)	R. Esteves Júnior, 138
Almiro Caldeira de Andrada, (Sub-Secretário)	Av. Hercílio Luz, 127
Walter F. Piazza (Tesoureiro) ..	R. Feliciano Nunes Pires
Altino Flores	R. Vidal Ramos, 50
Alvaro Tolentino de Souza	R. José Jaques, 4
Antônio Nunes Varela	R. Esteves Júnior
Antônio Taulois de Mesquita ...	R. Brigadeiro Silva Pais
Aroldo Caldeira	Assembléia Legislativa
Aroldo Carneiro de Carvalho ...	R. Crispim Mira, 89
Bento Aguedo Vieira	Dep. de Geogr. e Geologia
Carlos Büchele Júnior	R. Anita Garibaldi
Carlos da Costa Pereira	Av. Mauro Ramos
Custódio de Campos	Imprensa Oficial
Doralécio Soares	Av. Hercílio Luz, 131
Elpídio Barbosa	Av. Trompowsky, 14
Henrique da Silva Fontes	R. Saldanho Marinho, 30
Henrique Stodieck	Assembléia Legislativa
Hermes Guedes da Fonseca	Av. Mauro Ramos
Jaldir Faustino da Silva	R. Bocaiuva, 214
Ildefonso Juvenal	R. D. Jaime Câmara, 37
João A. Sena	R. 24 de Maio, 467 — Estreito
João Crisóstomo de Paiva	R. D. Jaime Câmara, 11
João dos Santos Areão	R. Rafael Bandeira, 35 A
José Cordeiro	R. Alves de Brito
Lídio Martinho Calado	R. Altamiro Guimarães
Martinho de Haro	R. Conselheiro Mafra, 93
Manoel Soares de Azevedo Maia	Travessa Urussanga, 6
Oswaldo F. de Melo (filho)	Av. Mauro Ramos, 120
Othon d'Eça	R. Feliciano Nunes Pires
Percival Calado Flores	R. Delminda Silveira, 173
Plínio Franzoni Júnior	Rua Lajes, 60
Pedro José Bosco	Dep. Estadual de Estatística
Roberto Lacerda	Dep. de Geogr. e Cartografia
Victor A. Peluso Júnior	R. Tte. Silveira, 35
Wilmar Dias	R. Esteves Júnior, 47

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos Representantes Municipais

Nomes	Municípios
Alírio Barreto Bossle	Palhoça (Sto. Amaro)
Alda Moeller	S. Bento do Sul
Antônio Lúcio	Caçador
Carlos Blumenberg	Urussanga
Cid Gonzaga	Caçador
Danilo Tiago de Castro	Lajes
Euclides José Felipe	Curitibanos
Francisco Machado de Souza	S. Francisco do Sul
Frei E. Emendoerfer O. F. M.	Blumenau
Hermínio Millis	Pôrto União
Jefferson Davis de Paula	Jaraguá do Sul
João Caruso Mac Donald	Urussanga
João Reitz (Padre)	Araranguá (Sombrio)
José da Luz Fontes	Ibirama
José Medeiros Vieira	Itajaí
Lupércio Lopes	Palhoça
Manoel Deodoro de Carvalho ...	S. Francisco do Sul
Mário Souza	Lajes
Nerêu Corrêa	Itajaí
Neusa Nunes	Tubarão
Norberto Bachmann	Joinvile
Norberto Silveira Júnior	Itajaí
Otaviano Ramos	São José
Orlando Ferreira de Melo	Blumenau
Osias Guimarães	Blumenau
Paulo Malta Ferraz	Blumenau
Plácido Gomes	Joinvile
Plácido Olímpio de Oliveira	Joinvile
Rogério Fagundes	Campos Novos
Romeu Boiteux Piazza	Nova Trento
Romeu Sebastião Neves	Lajes
Ruben Ulisséa	Laguna
Teobaldo Costa Jamundá	Indaial
Vitor Mendes	Ibirama
Walter Tenório Cavalcanti	Curitibanos

AVISO: — Aos Srs. Representantes Municipais roga-se a fineza de comunicar à Sub-Comissão a sua aceitação. A relação a ser publicada em nosso próximo número só trará os nomes dos que aceitarem a sua indicação.